

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Centro De Letras E Comunicação
Programa De Pós-Graduação Em Letras



Dissertação

Estudo da vocalização da lateral em posição de coda na região de Antônio Prado.

Cintia Victória de Azambuja

Pelotas, 2017

Cintia Victória de Azambuja

**Estudo da vocalização da lateral em posição de coda na região de
Antônio Prado.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof. Dr.^a Maria José Blaskovski Vieira

Pelotas, 2017

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

A111e Azambuja, Cintia Victória de

Estudo da vocalização da lateral em posição de coda na região de Antônio Prado / Cintia Victória de Azambuja ; Maria José Blaskovski Vieira, orientadora. — Pelotas, 2017.

116 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2017.

1. lateral. 2. coda silábica. 3. variação linguística. 4. semivocalização. I. Vieira, Maria José Blaskovski, orient. II. Título.

CDD : 469.5

Elaborada por Maria Inez Figueiredo Figas Machado CRB: 10/1612

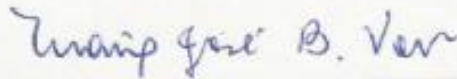
Cíntia Victoria de Azambuja

**Estudo da vocalização da lateral em posição de coda na região de
Antônio Prado**

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestra em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras - Mestrado, Área de Concentração Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Pelotas.

29 de agosto de 2017

Banca examinadora:



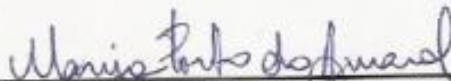
Profª Dra. Maria José Blaskovski Vieira
Orientadora/Presidente da Banca

Doutora em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul



Profª. Dra. Giovana Ferreira Gonçalves
Membro da Banca

Doutora em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul



Profª. Dra. Marisa Porto do Amaral
Membro da Banca

Doutora em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Dedico este trabalho aos meus pais que sempre me incentivaram a estudar com palavras de otimismo e de carinho.

À memória de minha avó materna que, mesr ausente, sempre esteve presente em meu coração.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela oportunidade.

Aos meus pais, pelo amor e apoio diário.

A minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Maria José Blaskovski Vieira, por todo o conhecimento compartilhado, apoio e paciência.

Aos professores do PPGL, que contribuíram de forma significativa para com a minha formação.

À Prof.^a Dr.^a Elisa Battisti, por gentilmente compartilhar os arquivos de dados do BDSer para que eu pudesse consultá-los e, assim, desenvolver este estudo.

A Prof.^a Dr.^a Giovana Ferreira Gonçalves e a Prof.^a Dr.^a Marisa Amaral, pelas preciosas contribuições em minha qualificação.

Aos membros do colegiado do curso, por sempre fazerem-se participativos e presentes.

Às equipes diretivas e aos meus colegas professores das escolas onde trabalho, por todo o carinho e compreensão pelas minhas ausências.

À amiga Márcia Evangelista que, junto comigo, dividiu alegrias, angústias e saberes.

E a todos aqueles que de uma forma ou outra estiveram presentes em minha trajetória.

“Escrever é uma luta contínua com a palavra. Um combate que tem algo de aliança secreta”.

(Julio Cortázar)

Resumo

AZAMBUJA, Cintia Victória. **Estudo da vocalização da lateral em posição de coda na região de Antônio Prado.** Dissertação (Mestrado em Letras- Estudos da Linguagem)- Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

Com base nos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972,1994), a presente pesquisa visa apresentar o estudo realizado acerca do processo de vocalização da lateral em posição de coda, na comunidade linguística de Antônio Prado, a partir de dados obtidos do Banco de Dados da Serra Gaúcha (BDSer). A amostra, sob análise, foi constituída por 20 informantes (10 homens e 10 mulheres) de faixas etárias 15-30, 31-50, 51-70 e 71 anos ou mais, de dois níveis de escolaridade (primário/fundamental e médio/superior), sendo 10 residentes na zona rural e 10 na zona urbana. Foram coletados 1247 dados tomados de oitiva a partir dos quais se obteve uma frequência total de 31% de vocalizações, que correspondem a 392 dados e 69% de velarização, que correspondem a 855 dados. Os dados coletados foram submetidos a tratamento estatístico através do programa Rbrul, que indicou os fatores idade, local de moradia, contexto precedente, escolaridade, gênero e tonicidade, respectivamente, como sendo as variáveis significativas para o processo de vocalização. De acordo com os resultados encontrados, o processo em análise tem maior ocorrência com moradores da zona urbana, com idades entre 15-30 anos, enquanto que os resultados referentes à zona rural apontaram baixos índices de vocalização, demonstrando um maior conservadorismo ao traço consonantal do segmento.

Palavras-Chave: lateral; coda silábica; variação linguística; semivocalização.

ABSTRACT

AZAMBUJA, Cintia Victória. **Study of lateral vocalization in coda position in the region of Antônio Prado.** Dissertation (Masters in Letters-language studies)- Post graduation program in Letters, College of Letters and Arts, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

Based on the theoretical assumptions of the variationist sociolinguistics (LABOV, 1972,1994), this research intends to present the study realized about the process of lateral vocalization in coda position, in the linguistic community of Antônio Prado, based on the datas obtained of the database of Serra Gaúcha (BDSer). The sample, under analysis, was formed by 20 informants (10 men e 10 women) age rages 15-30, 31-50, 51-70 and 71 years or more, of two educational levels (primary/elementary and high/university level), being 10 living in the rural area and 10 in the urban area. 1247 datas have been collected from the auditory from whom was obtained a total frequency of 31% of vocalization, which corresponds to 392 datas and 69% of velarization, which corresponds to 855 datas. The datas collected were submitted to statistics treatment using "Rbrul" program, which indicated the age factors, place of living, previous context, schooling, genre and tonicity, respectively, as being the significant variables to the process of vocalization. According to the results found, the analyzed process occurs more with people that live in the urban life, with age range 15-30 years, while the results of rural area indicated low rates of vocalization, demonstrating a greater conservatism to the consonantal trait of the segment.

Keyword: lateral; coda syllabic; linguistic variation; semi vocalization.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BDSer	Banco de Dados da Serra Gaúcha
BDS-Pampa	Banco de Dados Sociolinguísticos da Fronteira e da Campanha
FC	Flores da Cunha
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPHAN	Instituto Patrimônio Histórico Nacional
MBR	Monte Bérico
PAN	Panambi
PB	Português Brasileiro
POA	Porto Alegre
RS	Rio Grande do Sul
SL	Santana do Livramento
TAQ	Taquara
VARSUL	Varição Linguística na Região Sul do Brasil

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul do Brasil.....	42
Figura 2 - Região Metropolitana da Serra Gaúcha	57

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Percentuais de semivocalização em Antônio Prado	70
Gráfico 2 - Uso das variantes vocalizada e velarizada por informante	86
Gráfico 3 – Distribuição dos itens de maior frequência por Quartil.....	93
Gráfico 4 – Semivocalização em palavras de alta frequência no BDser	95

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Fatores selecionados pelas pesquisas sobre a vocalização	51
Quadro 2 - Distribuição dos dados das entrevistas da zona rural	55
Quadro 3 - Distribuição dos dados das entrevistas da zona urbana	55
Quadro 4 - Número de realizações velarizadas e semivocalizadas por informante ..	85
Quadro 5 - Características de indivíduos que usam somente a variante velarizada- zona rural	87
Quadro 6 - Características de indivíduos que usam somente a variante velarizada- zona urbana	87
Quadro 7 - Frequência de vocábulos por quartil	89
Quadro 8 - Itens de maior frequência produzidos por informantes de Antônio Prado- BDSer	90
Quadro 9 - Ocorrências semivocalizadas e velarizadas em vocábulos do Bdser	94
Quadro 10 - Ocorrências das variáveis linguísticas.....	96

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Resumo das ocorrências de // em coda silábica em capitais brasileiras	43
Tabela 2 – Semivocalização de acordo com o fator Faixa Etária.....	71
Tabela 3 – Semivocalização de acordo com o local de moradia.....	74
Tabela 4 – Semivocalização de acordo com o contexto precedente.....	77
Tabela 5 – Semivocalização de acordo com a escolaridade.....	79
Tabela 6 – Semivocalização de acordo com o “sexo/gênero”	81
Tabela 7 – Semivocalização de acordo com a tonicidade.....	84

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	16
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	23
2.1. O PERCURSO DOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS.....	23
2.1.1 Perspectiva Estruturalista.....	24
2.1.2 Perspectiva Gerativa.....	25
2.1.3 Perspectiva Sociolinguística.....	27
2.1.3.1 Variação linguística e comunidade de fala.....	31
2.2 FREQUÊNCIA E VARIAÇÃO.....	33
2.3. O SEGMENTO LATERAL.....	37
2.4. ESTUDOS SOBRE A VOCALIZAÇÃO DA LATERAL.....	44
3 METODOLOGIA.....	53
3.1. A ESCOLHA DO CORPUS.....	53
3.2. A COMUNIDADE LINGUÍSTICA DE ANTÔNIO PRADO.....	56
3.3. DEFINIÇÃO OPERACIONAL DAS VARIÁVEIS.....	58
3.3.1 Variável dependente.....	58
3.3.2 Variáveis independentes.....	59
3.3.2.1 Linguísticas.....	59
3.3.2.1.1 Contexto fonológico precedente.....	59
3.3.2.1.2 Contexto fonológico seguinte.....	60
3.3.2.1.3 Posição da variável na palavra.....	61
3.3.2.1.4 Tonicidade da sílaba que contém a lateral.....	61
3.3.2.1.5 Frequência de uso.....	62
3.3.2.2. Extralinguísticos.....	63
3.3.2.2.1 Escolaridade.....	63

3.3.2.2.2 Faixa etária.....	64
3.3.2.2.3 Local de moradia.....	65
3.3.2.2.4 Sexo/Gênero.....	65
3.4 ANÁLISE DOS DADOS.....	66
4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	69
4.1 RESULTADOS.....	69
4.1.1 Fator faixa etária.....	71
4.1.2 Fator local de moradia.....	74
4.1.3 Fator contexto precedente.....	77
4.1.4 Fator escolaridade.....	79
4.1.5 Fator sexo/gênero.....	81
4.1.6 Fator tonicidade.....	84
4.1.7 Fator indivíduo.....	85
4.1.8 Fator Frequência.....	89
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	101
APÊNDICE A - Códigos das variáveis controladas.....	106
APÊNDICE B - Levantamento de frequências.....	108
ANEXO A - Cai o número de estrangeiros que vivem no Brasil.....	115

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta um estudo, embasado por teorias que tratam da variação linguística, referente ao fenômeno da semivocalização do segmento lateral em posição de coda, a partir da análise de dados de falantes de Antônio Prado, cidade de colonização italiana. No Português Brasileiro (PB), a realização semivocalizada do segmento lateral vem ganhando grande proporção, sendo considerada a variedade de prestígio em muitos falares. A semivocalização é o processo fonológico pelo qual uma consoante é transformada em vogal ou semivogal, especialmente quando ocupa a posição de coda silábica. No Português Brasileiro, a consoante lateral /l/, quando ocupa a posição de coda silábica, seja no interior da palavra ou no final do vocábulo, torna-se suscetível a esse processo variável.

Conforme Câmara Jr. (2014:52 [1970]), no Português Brasileiro (PB), a coda silábica só licencia as seguintes consoantes: /S/, /N/,(/l/) /r/. Devido ao fato de a coda ser a posição mais débil da estrutura silábica (SELKIRK, 1982), é bastante comum que aconteça variação na forma de realização dos elementos que a preenchem, seja na posição interna ou no final da palavra. Entre os segmentos que podem ocupar a posição de coda, está a consoante lateral, a qual apresenta grande variação, sendo objeto de diversos estudos envolvendo diferentes falares (QUEDNAU, 1993; TASCA, 1999; ESPIGA,1997; HORA, 2003; BATTISTI,2016). Haja vista a variação da lateral em posição de coda, observa-se que esse segmento no PB pode ser produzido, na fala, como uma semivogal, sendo, em muitas regiões do Brasil, a realização semivocalizada predominante. No entanto, também, outras formas de realização como, por exemplo, a lateral velarizada [ɫ]. A constatação da existência de diferentes variantes para o segmento lateral no RS possibilita identificar alguns traços linguísticos recorrentes e compartilhados entre os indivíduos de uma determinada comunidade de fala. Esses traços podem funcionar como uma forma de diferenciação de variedades regionais, como, por exemplo, a produção velarizada ou

semivocalizada do segmento lateral em comunidades linguísticas de descendência italiana.

A realização velarizada, do ponto de vista articulatorio, pode-se ser caracterizada, de acordo com Collischonn (2014; p.90), como som consonantal velarizado do segmento, produzido com uma elevação concomitante da ponta da língua em direção aos alvéolos e do dorso da língua em direção ao véu palatino. Em relação à produção semivocalizada do segmento, esta pode ser caracterizada pela supressão do primeiro movimento, ou seja, da elevação da língua em direção aos alvéolos, passando a articulação restante a ser percebida como vocálica.

A autora explica, ainda, que o som percebido como próximo de [w] pelos falantes deve-se ao fato de a realização da lateral ser produzida como vocóide em lugar da consoante. As diferenças articulatorias e perceptuais do segmento lateral estão relacionadas a dois fatores: a) a posição ocupada pelo segmento, ou seja, quando a lateral está em posição de coda e b) a ausência de traço de ponto de articulação de consoante para a lateral. Essa ausência de traço resulta muitas vezes na manifestação de [w], pois o segmento, além de ser articulatoriamente similar a lateral, é também uma aproximante, já que, frequentemente, é relacionado aos sons vocálicos. Tendo em vista que no Rio Grande do Sul (RS) têm-se constatações de realizações consonantais e vocálicas desse segmento, este trabalho apresenta o estudo da lateral pós-vocálica, na comunidade de Antônio Prado, à luz do modelo Variacionista Laboviano. A partir de dados obtidos do BDSer (Banco de Dados da Serra Gaúcha), busca-se identificar os fatores linguísticos e sociais que influenciam na escolha das variantes utilizadas nessa comunidade.

Antônio Prado é uma cidade formada, em sua maioria, por brasileiros de descendência europeia. Atualmente, é considerada a cidade com maior influência italiana no Brasil. Nas comunidades de formação italiana, é possível perceber alguns traços linguísticos característicos, como a velarização e a alveolarização da lateral (TASCA, 1999; QUEDNAU, 1993), a não palatalização de /t/ e /d/ (BATTISTI, 2014) e a realização de vogais médias em posição átona final (VIEIRA, 2002), dentre outros.

De acordo com os estudos realizados por Tasca (1999), na comunidade de Flores da Cunha, e Quednau (1993), na comunidade de Monte Bérico, apresentam-se baixos os índices de vocalização em comunidades de descendência italiana,

havendo, com maior frequência, a realização velarizada ou alveolar desse segmento. Tendo em vista o tempo decorrido desde a realização desses trabalhos, é provável que essa realidade linguística tenha se alterado e que os índices de vocalização sejam diferentes nessa e em outras comunidades italianas, como na cidade de Antônio Prado.

Nesse sentido, observa-se o estudo de Battisti (2016) sobre o português falado em Flores da Cunha (RS), que revelou progresso na aplicação da regra entre 1990 e 2008-2009. De acordo com a autora, o aumento expressivo na aplicação da regra está associado ao aumento da população urbana juntamente com o desenvolvimento de atividades econômicas nessa área, reduzindo o falar dialetal italiano e aumentando o seu contato com o português. Por conseguinte, os resultados apontaram um avanço significativo na aplicação da regra relativa à vocalização.

Diferentemente dos trabalhos já realizados, esse estudo sobre a lateral em posição de coda busca verificar de que forma a mudança linguística relacionada a esse som se propaga na comunidade. Nesse sentido, pretende-se identificar o papel da frequência de uso no fenômeno em estudo, uma vez que, de acordo com Phillips (2001), palavras de alta frequência estão mais sujeitas a serem afetadas por mudanças linguísticas condicionadas foneticamente, como é o caso da semivocalização, em relação a palavras de baixa frequência. Tendo em vista que, em comunidades de descendência italiana, podem ser identificadas tanto produções velarizadas quanto produções vocalizadas, este trabalho busca relacionar a frequência de uso de itens lexicais à ocorrência da semivocalização.

Parte-se da ideia de que a frequência lexical possa ter papel na propagação da semivocalização e de que o grau de exposição do falante a formas linguísticas com essa variante tenda a fortalecê-la. Considera-se, no entanto, que o uso da variante velarizada possa representar uma marca de identidade linguística que poderia frear a evolução da semivocalização.

Com base no objetivo geral proposto para este estudo, tem-se o propósito de identificar as variantes da lateral em posição de coda na comunidade em estudo, definir os fatores linguísticos que influenciam a ocorrência da vocalização, investigar o papel dos fatores sociais na realização da semivocalização e analisar o papel da

frequência lexical na semivocalização. Considera-se variante inovadora em Antônio Prado a realização semivocalizada da lateral, pois, apesar de ser essa a variante predominante em grande parte do estado e do país, nessa localidade, é a variante que está em expansão. Por outro lado, a variante conservadora representa a realização velarizada da lateral em posição de coda.¹

Frente a esses objetivos, são lançadas as seguintes hipóteses, a fim de nortear este estudo:

a) Em regiões do Rio Grande do Sul (TASCA, 1999; QUEDNAU, 1993; BATTISTI, 2016) e na maior parte das regiões do Brasil (HORA, 2003), há uma forte tendência à semivocalização, sendo esse, inclusive, um dos traços que diferencia o português brasileiro do português de Portugal (CÂMARA Jr., 1957). Apesar disso, trabalha-se com a hipótese de que, na comunidade de Antônio Prado, o fenômeno da vocalização seja incipiente, haja vista que as comunidades de descendência italiana tendem a preservar o traço velar da variável, conforme mostram os estudos de Quednau (1993) e Tasca(1999). Espera-se, no entanto, encontrar índices maiores de vocalização do que aqueles encontrados nesses trabalhos. O trabalho de Battisti (2016) comprovou, por meio de uma análise em tempo real, na comunidade linguística de Flores da Cunha, que, embora haja a realização alveolar da lateral (fa[l]ta, futebo[l], move[l] etc.) devido ao contato entre o português e falares dialetais italianos, há, de forma bastante expressiva, o uso da variante vocalizada conforme a tendência geral do português brasileiro.

b) A segunda hipótese desse estudo está relacionada a fatores linguísticos que possam vir a ser significativos no processo de semivocalização. Dentre esses fatores, está o contexto fonológico precedente, que considera, assim como os estudos de Hora (2006) e Quednau (1993), as vogais, /a/, /o/ ou /ɔ/, e /e/ ou /ɛ/. Diante desse fator, espera-se encontrar resultados que apontem para uma tendência de aplicação de semivocalização quando em contexto precedente aparecerem as vogais não-altas. De acordo com os estudos, as vogais não-altas tendem a criar

¹ Apesar de reconhecermos que o processo de vocalização é um fenômeno gradiente, ou seja, de que as modificações que ocorrem na passagem de um segmento lateral velarizado a um segmento vocalizado implementam-se lentamente ao longo de um contínuo, por opções metodológicas trabalhamos com esses dois pontos da trajetória de mudança (realização velarizada e realização vocalizada).

ditongos com a variante semivocalizada da lateral, quando ficam foneticamente separadas quanto à altura, o que favorece a regra. Dessa forma, acredita-se que aparecerão como favorecedoras à aplicação de semivocalização as vogais não altas.

c) Outra hipótese a ser levantada por esse estudo refere-se ao fator linguístico contexto seguinte. De acordo com este fator, consideram-se as consoantes: palatal (acolchoado), velar (alguém) ou lateral (tal lugar) como favorecedoras para a aplicação da semivocalização. De acordo com os estudos de Tasca (1999) e Quednau (19993), as consoantes com articulação alta, como as velares, produzidas com o dorso da língua levantado, e as palatais, que são produzidas com o corpo da língua levantado, favorecem a semivocalização em função da coordenação de movimentos. Frente aos resultados encontrados nos trabalhos anteriores, trabalha-se com a hipótese de que, no contexto seguinte, a ocorrência de consoantes que possuem o traço [+alto], como as palatais e as velares, favoreça a vocalização da lateral.

d) Outra hipótese levantada por esse estudo é a de que as variáveis sociais, como escolaridade e faixa etária, têm papel importante no processo de vocalização, sendo mais comum na fala de pessoas mais jovens e mais escolarizadas. Conforme os estudos de Tasca (1999), Espiga (2001) e Battisti (2016), a variável faixa etária demonstrou que a preferência por uma variante mais antiga ou por outra mais nova está diretamente relacionada à idade, isto é, quanto mais velhos os informantes, maior a tendência para o uso de uma forma velarizada e vice-versa. Em relação à escolaridade, os trabalhos de Quednau (1993), Tasca (1999) e Espiga (2001) indicaram uma tendência maior à aplicação da regra pelos mais escolarizados, pois, à medida que o falante aumenta a sua permanência na escola, ele tende a abandonar a forma velarizada e assumir a forma padrão semivocalizada.

e) A última hipótese deste estudo refere-se ao papel da frequência de uso na ocorrência da vocalização em Antônio Prado. De acordo com Phillips (1984), mudanças fisiologicamente motivadas tendem a afetar primeiro palavras mais frequentes na língua, apesar de os fatores fonéticos não serem os únicos responsáveis pela mudança. A importância de analisarmos a frequência associa-se a seus efeitos na emergência de fenômenos de mudança linguística, entre eles, o

fato de que, em itens de maior frequência, seriam favorecidos mecanismos de mudança linguística foneticamente motivados, como o fenômeno em estudo. À medida que o indivíduo passa a utilizar mais a sua linguagem, estabelecendo relações diretas ou indiretas com as formas inovadoras na língua, seja através do trabalho, estudo ou até mesmo das relações familiares ele passa a estabelecer um contato com formas e estruturas das quais ele pode ou não se apropriar, assumindo para si escolhas linguísticas que passam a constituir sua formação identitária. Essa constituição identitária é manifestada e percebida pela linguagem, através do uso frequente de expressões, formas, gírias etc. pelo indivíduo como forma, às vezes, de aceitação dentro da comunidade de fala. Desse modo, neste estudo, parte-se da hipótese de que a vocalização atinja primeiro os itens lexicais de maior frequência à medida que os usuários utilizam a língua.

Mediante os objetivos pretendidos e as hipóteses apresentadas, esta dissertação está dividida em cinco capítulos. No primeiro, está sendo apresentada, uma introdução do estudo a ser explanado, a fim de situar brevemente o leitor quanto ao estudo que será desenvolvido. O próximo capítulo apresentará a evolução dos estudos linguísticos, desde as teorias formalistas da linguagem até o modelo da Teoria Variacionista, a caracterização do segmento lateral e a revisão bibliográfica de trabalhos realizados tendo como objeto de investigação a produção da lateral em posição de coda. Via comparação com os demais estudos, será frisada a hipótese de que o fenômeno de vocalização aqui investigado apresenta motivações tanto linguísticas quanto sociais. À luz da Teoria Variacionista, procurar-se-á, assim, articular a variação linguística presente no dialeto da comunidade linguística de Antonio Prado juntamente com os fatores linguísticos e sociais

No terceiro capítulo, o da Metodologia, serão apresentados o *corpus* de análise, constituído por falantes da comunidade linguística de Antônio Prado, a definição das variáveis dependentes e independentes consideradas como significativas para o processo de vocalização e a forma como se dará a análise dos dados.

O quarto capítulo, Apresentação e Discussão dos Resultados, apresentará a descrição dos resultados apontados pelo programa Rbrul, de acordo com as variáveis selecionadas pelo mesmo, seguidos de discussões acerca das variáveis e

o papel que cada uma exerce para a ocorrência do fenômeno de vocalização na comunidade linguística de Antônio Prado. Também serão apresentados resultados e discussões acerca dos fatores Indivíduo e Frequência. Embora esses fatores não tenham sido selecionados pelo programa, julgamos de extrema importância considerá-los, pois se mostram significativos ao objeto estudo desta pesquisa.

No quinto capítulo, relativos às Considerações Finais, serão destacados os resultados encontrados neste estudo, as suas limitações, apresentando também sugestões, com vistas de contribuir com outros estudos voltados para a investigação da frequência em fenômenos de variação foneticamente motivados.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Ao investigar um fenômeno linguístico, o pesquisador deve lançar mão de um suporte teórico que venha ao encontro do seu interesse de pesquisa. Considerando a vocalização do segmento lateral como um fenômeno tanto de ordem linguística quanto social, optou-se por mobilizar teoricamente noções oriundas da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1968, 1972). Nesse sentido, para uma melhor compreensão do processo de semivocalização, a seguir, será apresentado o percurso dos estudos linguísticos desde as Teorias Formalistas até o surgimento da Sociolinguística Variacionista. Será também apresentado o papel da Frequência no processo de mudança e variação, a partir dos trabalhos de (PHILLIPS 1984, 1999, 2000 e 2001), da Fonologia de Uso (BYBEE, 2001, 2006, 2010) e da Teoria de Exemplos (PIERREHUMBERT, 2001, 2003), será realizada uma caracterização do segmento lateral e, por fim, apresentada uma revisão dos trabalhos já realizados acerca desse fenômeno.

2.1. O PERCURSO DOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS

Linguagem e sociedade estão interligadas de forma inquestionável. Por haver esta relação tão intrínseca é que se torna possível afirmar que o ser humano, além da sua forma de organização social, é também possuidor de um sistema de comunicação oral, ou seja, a língua. Embora aparentemente explícita a relação entre linguagem e sociedade, nem sempre é possível determiná-la como principal ponto a se considerar, haja vista a importância da determinação do objeto de estudo e do olhar que se lança sobre um fenômeno linguístico, desde a sua natureza e a sua caracterização.

Para se pensar a linguagem e os fenômenos linguísticos, a Linguística do século XX trouxe importantes contribuições no que se refere à relação linguagem-sociedade. Conforme pode ser visto, nessa época da história, houve movimentos como o Estruturalismo e o Gerativismo, que excluía todas as considerações de natureza social, histórica e cultural na observação, descrição, análise e interpretação do fenômeno linguístico. Porém, novas formas de observar a língua propiciaram, sequencialmente, o surgimento da Sociolinguística Variacionista, que, embora não tenha rompido de forma definitiva com as teorias clássicas, passou a considerar fatores estruturais e sociais pertinentes para o estudo do fenômeno linguístico. Para uma compreensão dos estudos variacionistas, será apresentada cada uma das visões teóricas que o antecederam e motivaram a propor uma nova leitura da linguagem.

2.1.1. Perspectiva Estruturalista

No início do século XX surge o Estruturalismo, proposto por Ferdinand Saussure, a partir da publicação do *Curso de Linguística Geral* (1916). A publicação do Curso de Linguística foi feita por alunos do próprio Saussure, logo após a sua morte, e representou um registro das ideias por ele apresentadas em suas aulas. De acordo com as ideias de Saussure, a língua passa a ser vista como um conjunto de unidades que organizadas e inter-relacionadas formam um todo. As relações entre as unidades do sistema foram definidas em termos de relações sintagmáticas, ou seja, no plano do sintagma, e paradigmáticas, no plano da semântica.

A intenção estruturalista foi elaborar um sistema de conceitos gerais que pudesse dar conta de todas as línguas. Nessa perspectiva, a linguagem é considerada sob dois aspectos, sendo um individual (língua ou *langue*) e um social (fala ou *parole*). A língua, como objeto de interesse do Estruturalismo, é vista como homogênea, sendo considerada um produto social a que todos os falantes têm acesso a partir do convívio social. Para a teoria, a língua está depositada na mente dos falantes de uma comunidade, logo, não pode ser criada nem modificada. Em

relação à fala, essa é a manifestação concreta da língua pelo indivíduo e passível de variações, passando a ser desconsiderada pela teoria.

Outro aspecto importante da teoria estruturalista está relacionado à divisão dos estudos linguísticos em sincrônicos e diacrônicos. Os estudos em nível sincrônico investigam a língua em um determinado momento e consideram-na como um sistema estático, regular e homogêneo. Já no nível diacrônico, a investigação considera a língua através do tempo, passando a ser vista como modificada. Apesar de diacronicamente ser possível acompanhar a evolução de determinado fato linguístico, não se pode definir o período de transição entre uma forma e outra. Toma-se um fato linguístico num certo estado e nos estados subsequentes até se constatar a mudança linguística. Em cada estado, no entanto, o sistema é estático. Não se define o momento em que as duas formas – a antiga e a nova – coexistem.

Desta forma, os estudos estruturalistas baseiam-se na língua como estrutura homogênea, encontrada na consciência do falante e sendo possível de ser investigada distante de uma comunidade de fala, haja vista que o testemunho de um indivíduo seria suficiente para esboçar o conhecimento que ele tem sobre a língua.

Tendo em vista que a língua é objeto de investigação no Estruturalismo, não há a possibilidade de tratamento da variação, já que ela ocorre da fala. A variação, segundo a teoria, ocorreria livremente e, desse modo, não seria passível de análise. Embora o Estruturalismo tenha sido a primeira linha teórica a pensar sobre a língua, cabe atentar para o seu caráter reducionista, pois o seu único objeto de análise é a língua em si mesma, excluindo o usuário e o estudo das variantes de uma língua.

2.1.2 Perspectiva Gerativa

A Teoria Gerativa, proposta por Noam Chomsky (1965), a exemplo do Estruturalismo, não traz contribuições aos estudos de variação linguística. Nessa perspectiva, a língua é vista como homogênea e estática. Postula-se um falante/ouvinte ideal, que se caracteriza por usar um único dialeto que não comporta variações, e por viver numa comunidade linguística homogênea que, com ele, compartilha o mesmo dialeto. Com isso, o objeto de análise para o Gerativismo seria

a competência linguística desse falante. A fim de entender o funcionamento da língua, é estabelecida a distinção entre competência e desempenho. A competência está associada ao conhecimento que o sujeito-falante tem sobre a forma da língua armazenada em sua memória, já o desempenho refere-se ao uso concreto da língua, ou seja, à fala, a qual apresenta variações, o que, para a teoria, é irrelevante

O objetivo da teoria gerativa passa a ser a descrição da competência linguística de um falante-ouvinte ideal, que conhece a estrutura da sua língua e está inserido em uma comunidade linguística homogênea. Para a teoria, há empiricamente uma faculdade na mente humana responsável pela formalização dessa competência, sendo assim, as variações e as mudanças linguísticas, passam a ser irrelevantes, pois, para a teoria, o falante não é afetado por condições externas.

O interesse inicial dos gerativistas pela competência linguística do falante cede lugar à busca pela gramática universal (GU), gerando, em 1993, o modelo de Princípios e Parâmetros e, posteriormente, em 1995, o Programa Minimalista, no qual há uma retomada das discussões anteriormente apresentadas. Cabe observar que o estudo da língua pelos gerativistas assemelha-se aos estudos estruturalistas, ou seja, a análise só é realizada enquanto a língua é considerada homogênea e está na mente do falante, excluindo as diferentes possibilidades de variação linguística em tempo real.

Embora haja uma reformulação da dicotomia saussuriana *langue/ parole*, passando a ser analisada sob a perspectiva da *competência/ performance*, observa-se que esses conceitos não são iguais, principalmente em função da ideia de que a competência é individual, enquanto que, para Saussure, a língua é coletiva. Dessa forma, pode-se observar que, para as teorias formalistas da linguagem, a língua é vista como um sistema homogêneo, abstrato e invariável, e a variação não é objeto de estudo. Nesse sentido, os estudos, tanto estruturalistas quanto gerativistas, ativeram-se à descrição da estrutura linguística, exclusivamente às estruturas regulares da língua. O caráter reducionista do Estruturalismo e do Gerativismo passa, então, a ser criticado nos anos 60 pela Sociolinguística Variacionista.

2.1.3 Perspectiva Sociolinguística

Na década de 60, surge a Teoria da Variação ou Sociolinguística Quantitativa a partir da proposta de Weinreich, Labov e Herzog (1968), com o objetivo de investigar e descrever a língua considerando os fatores sociais e linguísticos, bem como a sua variabilidade. Diferentemente das teorias formalistas, a Sociolinguística estuda a relação entre linguagem e sociedade. Considera a importância social da linguagem, dos pequenos grupos sócio-culturais e comunidades maiores, atentando-se para o papel que os sujeitos e os diferentes contextos exercem no processo de mudança e de variação linguística.

Para a teoria da Variação Linguística, não há como considerar a língua como unidade homogênea e estática distante de uma comunidade de fala. É necessário considerar os fatores extralinguísticos como influenciadores no processo da variação e da mudança linguística. Frente a isso, é cada vez mais aceita a ideia de que a heterogeneidade linguística reflete a variabilidade social, correspondendo as diferenças no uso das variantes linguísticas às diversidades dos grupos sociais e à percepção por eles realizada em relação a uma ou mais normas de prestígio.

Para Weinreich, Labov e Herzog (1968), um modelo de língua que organizasse, descrevesse e desse conta de explicar as variações linguísticas a partir de fatores de ordem social, estilística e linguística passa a produzir uma nova concepção de entender o funcionamento da língua. Em uma teoria de mudança, a língua deve ser concebida sincrônica e/ou diacronicamente em sua forma heterogênea e também sistemática. É na realização, ou seja, através da fala que se torna possível perceber a sistematicidade, a estrutura e o funcionamento da língua, assim como explicar as mudanças que ocorrem somente por meio da observação da língua do indivíduo na comunidade em situação de fala real.

A fim de explicar a heterogeneidade sistemática da língua, o modelo variacionista propõe dois princípios para a teoria da mudança linguística. O primeiro refere-se a não concepção da estrutura linguística como homogênea, mas considerando a descrição de língua com base no que é utilizado pelas comunidades.

O segundo refere-se ao entendimento da gramática de uma mudança linguística como representada pelas gramáticas de comunidades de fala. (LABOV, 1972, 1974 e 1982 e 1994; e WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968).

Dessa forma, a Teoria da Variação enfatiza a variabilidade linguística e entende a língua como instrumento de comunicação entre os falantes de uma comunidade. Busca também, essa teoria, explicar a mudança linguística de acordo com diferentes fatores linguísticos, sociais e relacionados ao falante como sexo, idade, escolaridade, dentre outros. Essas variáveis atuam de forma inter-relacionada, possibilitando revelar quais fatores atuam como favorecedores para a escolha de uma variante ou outra e quais contextos se tornam mais relevantes para a análise de determinado fenômeno.

Desse modo, uma pesquisa de ordem sociolinguística implica diretamente a necessidade de se obter, de forma, acurada os registros de língua falada, delimitando as variáveis, descrevendo as variantes, analisando os fatores sociais e linguísticos e realizando a avaliação da variável, para que se chegue a um resultado no que se refere à mudança ou casos de variação.

Este modelo, iniciado por Labov (1966) e aprimorado por Cedergreen e Sankoff (1974) e Rousseau e Sankoff (1978), parte do pressuposto de que as variações, ainda que individuais, não são fortuitas, sendo, na realidade, dirigidas por uma regra, condicionadas por fatores linguísticos e extralinguísticos. Portanto, o pressuposto básico do estudo da variação no uso da língua é o de que a heterogeneidade linguística, a exemplo da homogeneidade, não é aleatória, mas governada por um conjunto de regras.

Segundo Labov (1966), um sistema linguístico possui regras categóricas e regras variáveis. Uma regra, para ser variável, deve ser prevista pelo sistema linguístico e, a exemplo das regras categóricas, também faz parte da competência do falante e, deste modo, possui representação mental. A diferença básica entre uma regra variável e uma regra categórica é que essa não tem motivação social, estando sujeita somente a fatores linguísticos. Já a regra variável é motivada tanto por fatores linguísticos quanto sociais.

Em um fenômeno de variação, é importante distinguir noções como as de variável e de variante. Tarallo (1986, p. 08) afirma que "variantes linguísticas são

diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de *variável linguística*". No caso em estudo, considera-se variável linguística o conjunto de possibilidades de realização da lateral em posição de coda, sendo variantes linguísticas cada uma das possibilidades de realização – vocalizada, velarizada, apagada, produzida como rótico.

Partindo da ideia de que nem tudo o que varia implica mudança, mas que toda a mudança linguística pressupõe variação, torna-se importante estabelecer se a análise sociolinguística das variantes aponta para uma variação estável (trata-se da coexistência de duas formas no sistema linguístico) ou para uma mudança em progresso (competição entre as variantes até que uma permaneça como a variante eleita pelos usuários da língua).

Percebendo a complexidade que há no estudo e na análise da mudança e da variação linguística, Labov (1994) propõe uma metodologia de análise que se constitui na observação de dois estados da língua. Essa metodologia é constituída por estudos em tempo real e/ou estudos em tempo aparente

Uma análise em tempo real possibilita investigar um fenômeno em uma perspectiva diacrônica, evidenciando o estágio de competição ou não de uso de determinadas variantes. Estudos em tempo real são subdivididos em estudo de tendência e estudo de painel. O estudo de tendência (*trend study*) é mais simples: requer uma amostra aleatória da mesma comunidade de fala em um período y, posterior ao da primeira coleta. Já o estudo de painel (*panel study*) é mais complexo, pois requer o recontato com os mesmos indivíduos- informantes da primeira coleta, com a aplicação do mesmo instrumento. (Freitag 2005, p. 108).

Outra forma de investigação de um dado fenômeno de variação ou de mudança linguística em um período de tempo reduzido, proposta por Labov (1994), é o estudo em tempo aparente. Uma análise em tempo aparente investiga o fenômeno em função das faixas etárias. Com isso, presume-se que o comportamento do fenômeno está associado à idade cronológica dos indivíduos. Com base no estudo em tempo aparente e na consideração das ocorrências do fenômeno em estudo, torna-se possível caracterizar a situação de uma mudança em estável, em progresso, incipiente ou completa.

No estudo em tempo aparente, há que se correlacionar os fatores faixa etária e distribuição das ocorrências do fenômeno juntamente com o indivíduo e com a comunidade em estudo, pois a reunião dos fatores pode ser significativa para que se realize uma interpretação mais precisa sobre o fenômeno da variação e da mudança. Segundo Freitag (2005),

(...) dada uma distribuição proporcional entre as ocorrências do fenômeno em estudo e as faixas etárias (no sentido que o aumento ou a queda das ocorrências está relacionado com o aumento ou a diminuição da faixa etária), pode-se dizer que é um caso de mudança em progresso ou não? Sem um estudo em tempo real para contraponto, fica difícil responder a essa questão, pois não só a comunidade como também o indivíduo podem influir no fenômeno da variação e da mudança. Por isso, é necessário controlar o comportamento lingüístico da comunidade como um todo e o comportamento lingüístico de cada indivíduo da amostra, especificamente. (FREITAG, 2005, p. 110).

Relacionando o que foi apresentado acerca dos estudos variacionistas ao objeto de estudo dessa dissertação, cabe considerar a importância do fator avaliação das variáveis, pois esse fator está diretamente condicionado pelo caminho que um fenômeno lingüístico pode tomar, podendo caracterizar uma mudança em progresso, em que uma das formas é substituída por outra, ou uma variação estável, em que a realidade lingüística da comunidade em estudo mostra-se como inalterada por algum tempo, haja vista que nenhuma das formas apresenta-se como predominante sobre outra. Atenta-se para as formas em competição no PB, no que se refere ao processo de vocalização (/l/, [ɫ] ou [w]). De acordo com os estudos que vêm sendo realizados sobre as formas de realização da lateral, a forma vocalizada [w] é considerada a de maior prestígio no PB, a forma padrão.

Uma variante, em geral, adquire prestígio se for associada a um falante ou grupo social de status considerado superior (Monteiro, 2000 p. 64). Ressalta-se, porém, a existência do chamado prestígio encoberto, em que uma dada estrutura pode passar a ser símbolo ou traço de identificação de grupos que não pertencem à elite dominante.

A partir da definição de prestígio encoberto, torna-se interessante pensar que, talvez, na comunidade de Antônio Prado, por questões culturais, ainda a velarização

predomine, embora a vocalização já esteja presente na fala de alguns indivíduos, tornando-se uma variante que vem aos poucos manifestando-se.

Tendo em vista as contribuições da sociolinguística para os estudos da mudança e das variações linguísticas, cabe enfatizar que esses estudos acabam concentrando-se no aspecto social da mudança linguística, buscando correlacionar diretamente o fenômeno linguístico e a comunidade em estudo.

2.1.3.1 Variação linguística e comunidade de fala

Partindo da ideia de que uma comunidade de fala é uma forma de organização dos indivíduos que compartilham costumes, tradições e também traços linguísticos, grande parte dos estudos sociolinguísticos investiga as tendências de uma variação a partir da organização de uma comunidade de fala. Embora a literatura sociolinguística apresente várias definições para comunidade de fala, serão trazidas duas definições julgadas como complementares, uma em relação à outra, e, ao mesmo tempo, significativas, para que se possa posteriormente articulá-las ao objeto de estudo desta pesquisa.

Para Labov (1972, p. 158) “a comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todas as mesmas formas; é melhor definida como um grupo que partilha as mesmas normas em relação à língua”. Em outras palavras, a comunidade de fala, sob a definição de Labov, deve ser entendida como parte integrante dos estudos sociolinguísticos, a qual propicia ao linguista observar o compartilhamento de normas por um grupo. Essas normas observadas organizam a estrutura da língua e manifestam a variabilidade linguística.

De acordo com Guy (2000), comunidade de fala é a unidade social que auxilia os estudos sociolinguísticos na compreensão de como se dá a organização social da língua. Com isso, segundo o autor, existem algumas características que nos auxiliam a entender melhor esta definição.

[...]- características linguísticas compartilhadas; isto é, palavras, sons ou construções gramaticais que são usados na comunidade, mas não o são fora dela.

- densidade de comunicação interna relativamente alta; isto é, as pessoas normalmente falam com mais frequência com outras que estão dentro do grupo do que com aquelas que estão fora dele.

- normas compartilhadas; isto é, atitudes em comum sobre o uso da língua, normas em comum sobre a direção da variação estilística, avaliações sociais em comum sobre variáveis linguísticas. (GUY, 2000, p.18).

Considerando haver consenso entre as definições apresentadas, já que ambas definem a comunidade de fala como um modelo explicativo de semelhanças e diferenças no uso da língua, é necessário destacar, ainda, outras considerações apontadas por Guy. Segundo o autor, ao direcionarmos o olhar para o estudo em uma determinada comunidade, torna-se possível perceber as características compartilhadas pelos falantes dentro de uma comunidade, caracterizando-a, dessa forma, e permitindo, inclusive, distinguir os falares desses indivíduos. Possibilita, também, ao linguista, estabelecer uma justificativa teórica a fim de relacionar o indivíduo e sua interação com a língua. Segundo o autor, nos estudos sociolinguísticos, a comunidade cumpre duas funções:

[...] Fornece em primeiro lugar, uma base fundamentada para explicar a distribuição social de semelhanças e diferenças linguísticas, a razão por que certos grupos de falantes compartilham traços linguísticos que os distinguem de outros grupos de falantes. Em segundo lugar, a noção de comunidade de fala fornece uma justificativa teórica para unir os dialetos de falantes individuais(que são os únicos objetos linguísticos cuja existência se pode realmente observar), em objetos maiores, as línguas (que são, na verdade, construções abstratas). (GUY, 2000, p. 18).

No que tange à primeira função, ou seja, ao compartilhamento de traços linguísticos, é possível perceber que alguns sons, algumas palavras ou construções ocorrem dentro de uma comunidade e, nesse sentido, a análise sociolinguística busca explicitar quais são os critérios de uso de determinada variante e quais os fatores linguísticos e sociais que contribuem para o uso de determinada forma pela comunidade de fala. De acordo com Guy (2000),

[...] a participação como membro em uma comunidade de fala é definida por contraste, em função do uso de traços específicos de uma comunidade: usá-los mostra que você é um membro, e não os usar mostra que você é um intruso. (GUY, 2000, p. 18).

Neste estudo, considera-se a comunidade linguística de Antônio Prado e a forma como se dá a produção do segmento lateral em posição de coda no falar dos indivíduos pertencentes a essa comunidade. A participação de um indivíduo como membro da comunidade de Antônio Prado pode ser definida por diversos traços característicos do falar de descendentes de italiano. Entre eles, está a não semivocalização do segmento lateral e uma tendência à velarização do segmento lateral. No entanto, apesar de a produção velarizada ser a variante mais comum entre os pradenses, a forma semivocalizada vem ganhando espaço no falar desses indivíduos, seguindo uma tendência observada na maioria dos falares do PB.

Considerando a tendência observada na maioria dos falares do PB e associando-a ao fator de frequência com que determinados usos ocorrem na língua e as influências que tais usos podem ter no processo de variação e mudança linguística que se apresenta na seção seguinte o item frequência e variação, com vistas a se ampliar o entendimento acerca do fenômeno investigado.

2.2 FREQUÊNCIA E VARIAÇÃO

Tradicionalmente, estudos quantitativos que envolvem fenômenos de variação partem da ideia de que a variação observada não é aleatória, mas condicionada por fatores linguísticos e sociais. Nesses estudos, busca-se identificar a taxa global de aplicação do processo em análise em um determinado *corpus*. Nessa busca, assume-se implicitamente que todas as palavras que tenham o contexto para ocorrência do fenômeno seriam afetadas da mesma forma pelo processo de variação. No entanto, observando-se fenômenos de variação, percebe-se que há palavras que possuem o contexto propício para a mudança e são por ela atingidas, e outras, exatamente com o mesmo contexto, não são afetadas pela mudança.

Um exemplo dado por Phillips (2006) para ilustrar esse fato é o da mudança de [u] para [ʊ] em palavras como: *foot* (ocorre na fala de praticamente todos os falantes); *soot* e *root* (ocorre alternância entre as vogais); e *loot* (não ocorre a mudança). No exemplo de Phillips, não há explicação fonética para a não ocorrência

da mudança em *loot*. No entanto, se for levada em conta a frequência, é possível perceber que uma palavra como *foot* é usada com frequência muito maior do que uma palavra como *soot* ou *root* e essas, por sua vez, são usadas mais frequentemente que *loot*.

Há mais de um século, a relação entre frequência e mudança linguística já havia sido observada por Schuchardt (1885, apud PHILLIPS, 1984). De acordo com seus estudos, palavras que apresentam frequências de uso distintas na língua tendem a ser afetadas de forma diferente pela mudança linguística. Aprofundando a relação entre frequência e mudança linguística, Phillips (1984) propõe que, em mudanças segmentais, as modificações fisiologicamente motivadas tendem a afetar primeiro as palavras mais frequentes; já as mudanças que não têm motivação fisiológica tendem a atingir primeiro as palavras menos frequentes. De acordo com a autora, fenômenos como os de redução vocálica, assimilação e apagamentos estão entre aqueles que têm motivação fisiológica/articulatória e, portanto, tendem a atingir primeiro palavras mais frequentes. A partir dessa ideia, Phillips considera que fatores fonéticos podem não ser os únicos responsáveis pela mudança, mas a influência deles, certamente, precisa ser levada em conta no estudo das mudanças sonoras.

Diante da relação entre frequência e variação e da possibilidade de haver outros fatores responsáveis pela mudança, Oliveira (1995, p. 25) afirma ser necessário incluir, também, os aspectos referentes aos processamentos mentais e sua relação com a variação. Isso porque os aspectos como a frequência não seriam inerentes a um item lexical, mas estariam relacionados a outros fatores, como o indivíduo, por exemplo.

Ainda sob a ideia de influência que a frequência desempenha no processo de mudança linguística, Phillips (1999, p. 108) define a existência de características que delimitam/definem o léxico na mente do falante, estabelecendo, assim, uma relação daquilo que está armazenado na mente com o uso efetivo desses traços ou marcas específicas de fala. Dessa forma, e com a definição das características, torna-se possível evidenciar o papel desempenhado pela frequência no que tange os processos de mudança. Vejamos as características definidas pela autora:

- a) deve ser conectivo ao invés de gerativo, estabelecendo informações entre as palavras derivadas e suas origens, por exemplo, como semelhanças em padrões de uso;
- b) deve incluir informação sobre categoria gramatical;
- c) deve organizar informações sobre a frequência lexical, reiterando que as mudanças foneticamente motivadas por aspectos físicos tendem a atuar primeiramente em itens mais frequentes, enquanto que mudanças sem motivação atuam primeiro em palavras menos frequentes;
- d) deve apontar para um detalhamento fonético com base nos contextos de ocorrência.

Segundo Phillips (2000), a implementação de mudanças, quando relacionada à frequência, pode ser entendida com base nos indícios de que os itens lexicais mais frequentes são aqueles que passam por menos análise do falante, enquanto que as mudanças que atuam em itens menos frequentes são as que requerem mais processamento de análise. Dessa forma, “mudanças sonoras que requerem análise, seja sintática, morfológica ou fonológica, durante sua implementação, afetam primeiro os itens lexicais menos frequentes, enquanto outras mudanças afetam primeiro itens mais frequentes”, Phillips (2001, p. 123). No mesmo sentido proposto por Phillips está a Fonologia de Uso (BYBEE, 2001, 2006, 2010), a qual considera indissociável a relação entre o uso das unidades linguísticas e da substância. Segundo a teoria, essa relação atua sobre a estruturação mental da língua e, dessa forma, a representação das unidades linguísticas passa a ser constituída por todas as realizações dessas unidades, às quais o falante foi exposto, com base em dados ouvidos e produzidos por ele.

Considerando-se que o falante (re)produz unidades às quais foi exposto e que a frequência e o uso da língua apresentam papel importante no que se refere às variações e às mudanças sonoras, pode-se dizer que palavras, frases e construções de alta frequência sofrem mais mudanças ou mudam de modo mais rápido que palavras, frases e construções de baixa frequência. Para Bybee (2001), os itens

mais frequentes desencadeiam mudanças e preservam formas. “As mudanças costumam ser de forma e de significado, ao passo que a preservação acontece em nível morfossintático. Quando a variação atinge os itens de menor frequência, podemos estar diante de mudanças que produzem novas restrições no sistema da língua e que não têm motivação fonética”, Bybee (2003).

Segundo Bybee (2001), existem duas categorias de frequência: a de ocorrência (token), que se refere ao uso de determinado item lexical em um *corpus*, e a de tipo (type), que se refere à frequência de determinado padrão na língua.

Assim como a Fonologia de Uso (BYBEE, 2001, 2006, 2010), a Teoria de Exemplos (PIERREHUMBERT, 2001, 2003) reitera o papel que a frequência apresenta no que tange a organização do sistema linguístico e os processos de mudança, haja vista que a mudança linguística e a variação para a teoria não são aleatórias. O falante tem conhecimento sobre a língua de que faz uso, que se relaciona a frequência de tipo e de ocorrência. As palavras são armazenadas juntamente com o detalhe fonético, sendo categorizadas mais de uma vez, associadas a formas fonéticas diferentes. Cada categoria fonética é armazenada na memória e representada por exemplos, assim as categorias mais frequentes apresentam maior número de exemplos. Segundo o Modelo de Exemplos, cada ocorrência de uma palavra é armazenada na memória de maneira que o falante, ao ouvir uma palavra com variação, atualiza a nova forma de (re)produção em sua memória. De acordo com Pierrehumbert (2001), há uma organização mental, a qual pode ser definida como um mapa cognitivo. Esse mapa estabelece uma relação da memória com instâncias, considerando que aquilo que é semelhante estaria próximo e o que é diferente estaria distante.

Com isso, os exemplos mais frequentes e relacionados com as experiências mais recentes tendem a ser fortalecidos, enquanto que os exemplos menos frequentes por não serem tão acessados podem ser perdidos no decorrer do processo de uso da língua.

Assim como a Fonologia de Uso, o Modelo de Exemplos postula que a aquisição da língua acontece através do uso e as gramáticas são emergentes, logo, o conhecimento e a competência a respeito da variação e da mudança linguística também estão relacionados ao uso.

As informações fonéticas e sociolinguísticas fazem parte do mapeamento mental. Cada categoria passa a ser representada por um exemplar e toda a ocorrência percebida e produzida pelo falante, além de estocada na memória, reitera categorias criadas na memória e representa a variação percebida no uso.

Considerando-se a importância que a frequência desempenha no processo de mudança e variação linguística, e na tentativa de compreender melhor as realizações manifestadas pelos indivíduos de Antônio Prado, caracterizam-se na seção a seguir articulatória e acusticamente as variantes do segmento lateral, em especial a forma velarizada.

2.3. O SEGMENTO LATERAL

As laterais são sons vozeados, produzidos com uma obstrução total entre articuladores na parte central da cavidade bucal. Em decorrência dessa oclusão, que pode ocorrer em algum ponto na linha médio-sagital do trato vocal, as porções laterais da cavidade bucal tornam-se livres, permitindo a passagem da corrente de ar por um ou os dois lados da oclusão (BARBOSA e MADUREIRA, 2015).

Para Ladefoged e Maddieson (1996), as laterais são produzidas com um estreitamento do perfil da língua, de um lado a outro. Esse estreitamento permite que um volume maior de ar se propague por um ou pelos dois lados da língua em relação ao propagado pelo centro da língua. Dependendo da região em que ocorre a obstrução, o som lateral pode ser considerado alveolar (obstrução na região dos alvéolos) ou velar (obstrução na região do véu palatino e região palatal) e, em função disso, apresenta configurações articulatórias e características acústicas distintas.

De acordo com Recasens e Farnetani (1994), a configuração articulatória e acústica dos sons laterais está sujeita à variação em função da língua, da posição que ocupa na estrutura silábica e da natureza do ambiente adjacente. Essa variação pode ser observada, por exemplo, em línguas como o inglês americano e o catalão, nas quais são encontradas produções mais ou menos velarizadas, condicionadas pela posição, inicial ou final que o som lateral ocupa na sílaba, e pela qualidade da

vogal adjacente, podendo ser caracterizada como posterior ou anterior e mais ou menos alta. Além disso, segundo Zhou (2009), os sons laterais mostram evidências de variação interfalantes, podendo essa variabilidade estar relacionada ao sexo/gênero, ao dialeto e a características idiossincráticas do indivíduo.

Na literatura fonética (SPROAT e FUJIMURA, 1993), tradicionalmente, distinguem-se dois tipos de sons laterais: os chamados *dark*, som velarizado, e *light*, não-velarizado. A ocorrência de um ou outro em uma dada língua vai depender de fatores como a posição silábica: em geral, a lateral *light* ocorre em posição de início de sílaba, enquanto a lateral *dark* ocorre em final de sílaba. Essas ocorrências dependerão também do ambiente vocálico adjacente: a lateral *light* tende a ocorrer em contexto de vogal anterior e a lateral *dark* em contexto de vogal posterior (ZHOU, 2009).

Articulatoriamente, segundo Zhou (2009), tanto as laterais *light* quanto as *dark* compartilham uma configuração que envolve o contato da língua com os alvéolos, a compressão medial ao longo da linha médio-sagital e a forma convexa da região médio-posterior do dorso da língua. Essas laterais se diferenciam em função do lugar de contato entre língua e alvéolos e da duração da oclusão. Além disso, diferenciam-se em relação à posição e ao grau de elevação do corpo da língua e ao recuo do dorso da língua em direção à região velar ou faríngea, em relação à presença de um possível contato alvéolo-palatal resultante da elevação das bordas da língua e, por fim, em função da coordenação desses movimentos articulatorios.

Na diferença atribuída ao lugar de contato entre língua e alvéolos, Zhou (2009) mostra que, em línguas como o inglês americano, na produção da lateral *light*, o contato da lâmina da língua com os alvéolos abrange uma área relativamente maior em comparação com a produção da lateral *dark*. Essas diferenças também estão relacionadas à duração do contato. Sproat e Fujimura (1993) sustentam que a duração do contato é menor na produção da lateral *dark* em função da antecipação do movimento de oclusão em relação ao vozeamento. Já na lateral *light*, a oclusão apical e o vozeamento são produzidos simultaneamente.

No entanto, a principal diferença articulatória entre esses dois sons está relacionada à configuração do corpo da língua. Na produção da lateral *light*, o corpo da língua encontra-se em uma posição mais elevada e anteriorizada. Essa

configuração, junto a possíveis contatos línguo-palatais, torna mais longos os espaços laterais por onde passa o fluxo de ar. Distintamente, na produção da lateral *dark*, ocorrem diferentes graus de abaixamento do pré-dorso e recuo do pós-dorso da língua. Contatos palatais reduzidos (ou inexistentes), em combinação com a compressão das bordas da língua, geram espaços laterais mais curtos.

Para Recasens (1994, 2005), a diferença entre esses dois sons também está ligada à extensão do contato e, por consequência, ao grau de velarização da lateral, que, por sua vez, estaria relacionado à qualidade da vogal adjacente. Assim, por exemplo, para a lateral alveolar, quando a vogal adjacente for uma vogal alta anterior [i], o contato dorso-palatal será mais extenso em comparação à extensão desse contato em contextos de vogal baixa [a] e alta posterior [u]. O inverso ocorreria para a lateral velar. Verifica-se, portanto, que, na produção das laterais *light* e *dark*, são utilizadas diferentes estratégias de coordenação do movimento de dorso de língua em contexto de vogal alta anterior [i].

Formas semelhantes a essas produções da lateral podem ser observadas no português brasileiro em posição de onset e de coda. No sistema fonológico do português, há dois tipos de consoantes laterais que podem aparecer em posição de ataque silábico, isto é, antecedendo uma vogal: /l/ (*lavo, livro*) ou, como segundo elemento do grupo consonantal, (*plano, pleno*) caracterizado por uma articulação dental ou alveolar [l], e /ʎ/, que se articula na região posterior ou palatal, correspondendo à lateral palatal (*palha*). Em relação à posição de coda silábica, Câmara Jr.(1970) afirma que “as únicas consoantes pós-vocálicas possíveis são as líquidas (*mar, mal*) e as fricativas não labiais (*pasta, rasgo, folhas* etc.)” (CÂMARA Jr., 1970, p. 51).

Ao considerar o segmento lateral em posição pós-vocálica, o autor afirma que essa consoante se apresenta como uma variante posicional, ou seja, ela depende dos ambientes fonéticos em que o som se encontra. Em consequência disso, o segmento lateral teria, de acordo com o autor, duas possibilidades de realização fonética. Na primeira possibilidade, o segmento /l/ poderia ocorrer como uma lateral alveolar (ou dental) velarizada [ɫ]. Essa realização seria encontrada em algumas variedades do Sul do Brasil. A segunda possibilidade seria a vocalização do

segmento lateral em posição final de sílaba, sendo essa variante típica da maioria dos dialetos do português brasileiro. Conforme observa o autor (1970, p. 52)

Daí decorre uma mutação que em linguística diacrônica se chama a “vocalização” da consoante: cessa a elevação da ponta da língua junto aos dentes a elevação posterior do dorso da língua não chega a interromper a corrente de ar e há um concomitante leve arredondamento dos lábios. O resultado é um /u/ assilábico. Conseqüentemente, desaparecem as oposições entre *mal* e *mau*, *vil* e *viu* etc.

Conforme propõe Câmara Jr., a forma vocalizada passa a ser admitida como uma das variantes utilizadas no PB. Porém há, também, a preservação do traço dental da lateral no dialeto sul-rio-grandense. Segundo Câmara Jr.(1977, p. 28), “(...) a pronúncia como dental do /l/ pós-vocálico por parte dos sul-rio-grandenses não interfere na significação e na compreensão das formas da língua”. Assim, as diferentes variações do segmento lateral compõem as variedades dos falantes do RS, que, ora preservam o traço consonantal, utilizando a forma velar, ora utilizam a forma vocalizada.

Ao encontro do que afirma Câmara Jr, sobre a lateral em posição pós-vocálica vão as considerações de Medeiros (2012). Segundo a autora, com base na Fonologia Articulatória, é possível afirmar que há maior estabilidade em estruturas CV (consoante- vogal) e menor estabilidade em estruturas VC (vogal-consoante). E é justamente essa instabilidade que dá origem à variabilidade encontrada em palavras que contêm o segmento lateral em posição de coda no PB. Medeiros (2012, p.91) afirma que:

[...]embora em algumas línguas a posição final de palavra favoreça o desvozeamento, não é isso que acontece com /l/ no PB. Neste caso, o articulador principal, o corpo da língua, cumpre seu movimento, mas perde a informação gestual a respeito da posição da ponta da língua. Desta forma, permanece a percepção da posição retraída da língua para o /l/ final, configuração do trato parecida com o glide labial. Daí o gesto audível ser vocálico.

A autora considera que “codas em /l/ e /n/ parecem facilmente ceder à força do núcleo vocálico, perdendo suas características consonantais. A lateral torna-se [w] em *mil*, *mel*, *mal*, *farol*, *azul*”. (MEDEIROS, 2012, p. 92). Para Silva (1996), em relação à lateral em posição de final de palavra “Auditivamente, tem-se a impressão

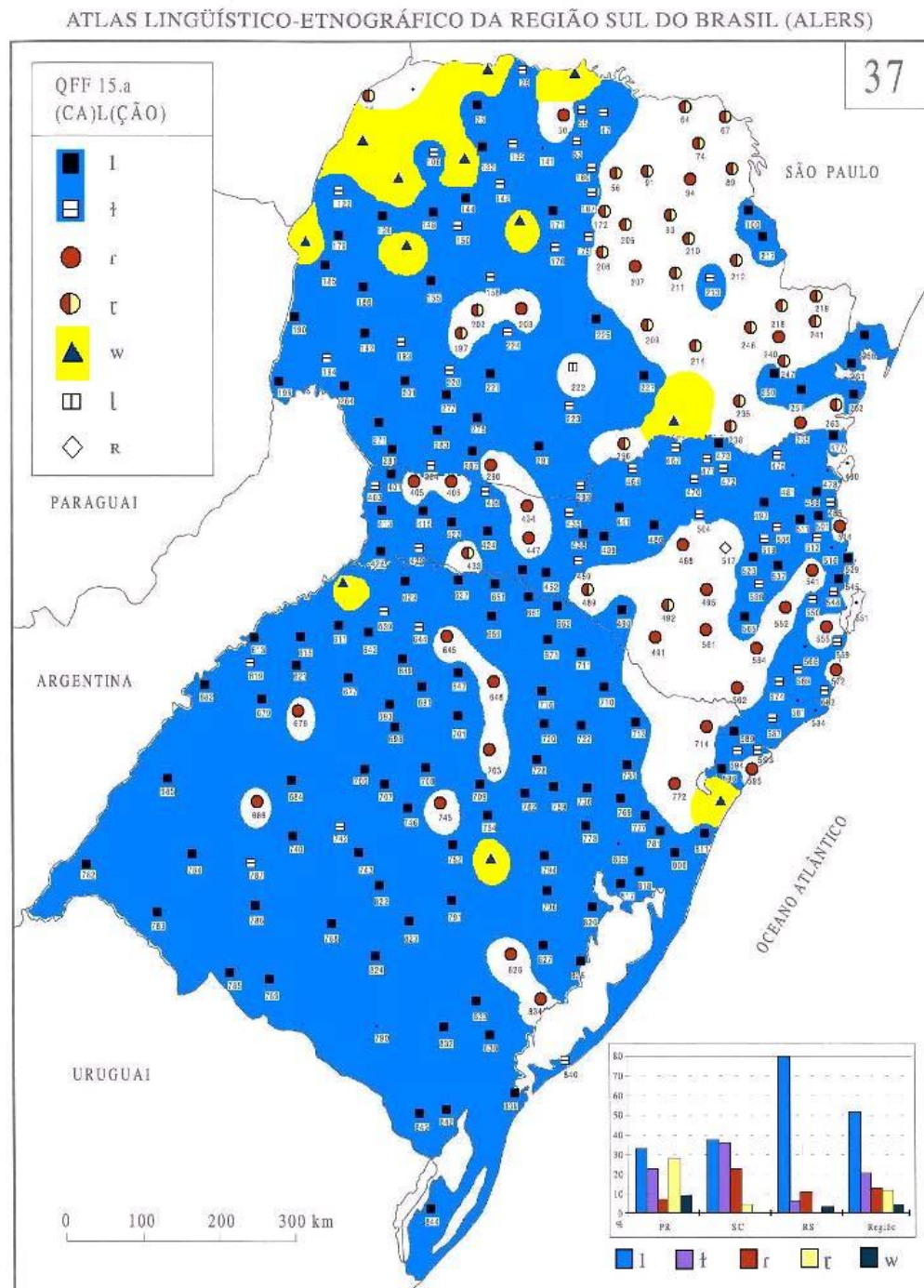
de que essa variante posicional é produzida como algo entre a lateral velar e a semivogal.” (p.117), sendo difícil dissociar a vogal adjacente e a lateral. Nessa posição, a autora sugere a formação de um ditongo entre a vogal e a lateral, independente da qualidade vocálica, seguido de alterações em parâmetros acústicos da lateral, característicos da velarização.

A natureza híbrida da lateral em posição de final de sílaba também foi constatada por Espiga (2003) em análise de dialetos de comunidades de Chuí e Santa Vitória do Palmar (RS). Nesse estudo, o autor identificou uma gradação fonética na realização da lateral, sendo encontradas formas alternantes que variavam entre a realização alveolar ~ velar ~ labializada ~ vocalizada ~ cancelamento. Essa gradação, identificada a partir de análise perceptual de oitiva dos dados, seria resultante das diferentes regiões de articulação da lateral. De acordo com o autor, na produção velarizada, as diferenças estariam na oclusão, se mais ou menos enfraquecida, e no recuo e configuração do dorso da língua, que pode ser mais ou menos posterior, ou mais ou menos côncavo. Já na realização labializada, a distinção seria feita com base no maior ou menor grau de arredondamento de lábios identificado na formação, que, segundo o autor, poder ser mais ou menos audível no ditongo com a vogal precedente.

A partir de critérios de discriminação articulatória da lateral, Espiga (2003) propõe um diagrama de distribuição escalar das diferentes realizações da lateral pós-vocálica. Nesse diagrama, são definidos graus mínimos de coronalização, dorsalização e ditongação (arredondamento) que permitiriam opor a realização velar à vocalizada, a velar à alveolar e a velar à labializada.

Estudos realizados por pesquisadores do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS –, com informantes rurais e de baixa ou nenhuma escolaridade, também mostram a variabilidade na realização lateral em posição pós-vocálica, sendo possível constatar a predominância da realização alveolar e da velarizada no item lexical “calção”. Como se pode visualizar no mapa, a área de predominância da lateral alveolar ou velarizada (destacada em azul) ocupa a maior parte do espaço geográfico. Observa-se também a ocorrência de um tepe (em regiões do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina) e de um rótico retroflexo (no Paraná) no lugar da lateral.

Figura 1 - Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul do Brasil²



Fonte: ALTENHOFEN, Cléo V.; KLASSMANN, Mário Silfredo; KOCH, Walter (orgs.) et al. (2002)

² Os altos índices de velarização podem estar relacionados ao vocábulo usado na coleta dos dados, ou seja, a palavra “calção”. Os informantes poderiam velarizar para estabelecer a diferença com “caução”, que é outro vocábulo da língua.

De acordo com o levantamento feito pelo ALERS, seriam baixas as ocorrências de vocalização em toda a Região Sul, havendo predomínio das formas alveolar e velarizada.

A partir de dados coletados em estudo dialetológico realizado dentro do projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil), Pinho e Margotti (2010) mostram a distribuição das variantes da lateral pós-vocálica em diferentes capitais do Brasil. Levando em conta o sexo, a idade e a escolaridade, os autores analisaram a forma de realização da lateral em itens lexicais como *pólvora, mel, Brasil, alta, sal, azul calção, almoço, sol, soldado e anel*, em 200 entrevistas do ALiB. Os resultados, reproduzidos a seguir, mostram as formas de realização da lateral em coda silábica em todas as capitais pesquisadas.

Tabela 1 - Resumo das ocorrências de /l/ em coda silábica em capitais brasileiras

Região	Capital	[l]	[ɫ]	[w]	[∅]	Rótico	RP	Totais
NORTE	Macapá			83	1		4	88
	Boa Vista			85	3			88
	Manaus			82	5		1	88
	Belém			80	8			88
	Rio Branco			83	5			88
	Porto Velho			83	2		3	88
NORDESTE	São Luís			80			8	88
	Teresina			76	12			88
	Fortaleza			72	11		5	88
	Natal			77	9		2	88
	João Pessoa			74	11		3	88
	Recife			65	19		4	88
	Maceió			67	19	2		88
	Aracaju			76	9		3	88
	Salvador			70	14		4	88
CENTRO-OESTE	Cuiabá			72	4	7	5	88
	Campo Grande			66	3	6	12	88
	Goiânia	1		78	3		6	88
SUDESTE	Belo Horizonte			83	3		2	88
	São Paulo			79	5		3	88
	Vitória			81	1		5	88
	Rio de Janeiro			82	1		5	88
SUL	Curitiba			83	4	1		88
	Florianópolis			84	2	1	1	88
	Porto Alegre	8	8	71	1			88

Total	9	9	1932	155	19	76	2200
Percentual	0,4	0,4	87,8	7,04	0,8	3,4	100

Fonte: PINHO; MARGOTTI (2010).

De acordo com os resultados encontrados por Pinho e Margotti (2010), há predominância da variante vocalizada em todas as capitais do país, podendo ser constatada a emergência do cancelamento da lateral de forma ainda incipiente, mas com ocorrência em praticamente todas as capitais. Em relação à região Sul, na qual os dados do ALERS apontavam uma predominância da forma velarizada, percebe-se um desencontro dos resultados, havendo sido constatada essa realização apenas nos dados de Porto Alegre.

Tendo em vista a variabilidade na realização da lateral pós-vocálica, torna-se importante identificar o que determina a escolha de uma variante ou de outra feita pelos falantes de diferentes regiões. Na seção a seguir, passa-se à revisão dos estudos que tratam da variação envolvendo a lateral.

2.4. ESTUDOS SOBRE A VOCALIZAÇÃO DA LATERAL

A lateral em contexto pós-vocálico vem sendo objeto de investigação de diversos trabalhos desenvolvidos no Brasil, principalmente sob a perspectiva sociolinguística. Dentre esses trabalhos, estão os estudos de Quednau (1993), Tasca (1999), Espiga (1997), Hora (2006), Battisti (2016), entre outros.

A maior parte dos trabalhos que analisam a lateral em posição de coda são de cunho variacionista e, nesse sentido, buscam identificar fatores de ordem social e linguística que influenciam na realização de uma variante ou outra. Podem ser observadas, a seguir, algumas pesquisas já realizadas sobre a lateral nessa posição.

O estudo de Quednau (1993) buscou verificar os índices de variação do segmento lateral pós-vocálico a partir da observação da fala de vinte e oito indivíduos de quatro regiões representativas de diferentes grupos étnicos existentes no Rio Grande do Sul: Porto Alegre (POA) capital do Estado, Monte Bérico (MB), região de colonização italiana, Taquara (TAQ), região de colonização alemã e Santana do Livramento (SL), região fronteiriça. Para tanto, a autora realizou uma

análise quantitativa por meio da qual analisou o papel dos fatores sociais e linguísticos na definição da variante que se realiza. Dentre as variáveis sociais controladas, foram considerados o grupo étnico, a faixa etária, os níveis de escolaridade e o sexo. Para as variáveis linguísticas, acento, contexto fonológico precedente (considerou as sete vogais), contexto fonológico seguinte (consoantes palatais e velares, labial, lateral, alveolar e pausa), posição da lateral (interior do vocábulo, final do vocábulo, composição e sufixos especiais) e sândi.

A partir das 2.244 ocorrências da lateral pós-vocálica, a autora mostrou que há uma competição entre as formas velarizada [ɫ] e semivocalizada [w] sendo a região metropolitana a que mais aplica a regra da semivocalização, com índices de 91% enquanto que os fronteiriços aplicaram 27%, os italianos 23% e os alemães 20%. Em relação às variáveis linguísticas analisadas, o fator que mais favoreceu a vocalização foi o acento, tanto em sílaba tônica, quanto em pré-tônica. No contexto fonológico precedente, quando há as vogais [i] e [u], existe uma tendência à manutenção da forma velarizada da lateral, com as demais vogais constatou o favorecimento à vocalização. No contexto fonológico seguinte, a autora observou que as consoantes altas (palatal e velar) são as que mais favorecem a vocalização, seguidas das consoantes alveolares e pausa. Em relação à posição da lateral, na posição medial, quando a palavra contiver os sufixos –mente e –zinho, tem-se favorecimento da vocalização.

As variáveis sociais analisadas, de acordo com os resultados encontrados, têm papel na vocalização, uma vez que ela diminui entre os mais velhos e avança entre os mais novos. Tais resultados poderiam sugerir a ocorrência de uma mudança em progresso.

Outro estudo, realizado por Tasca (1999), buscou ampliar a descrição do comportamento da lateral em algumas comunidades étnicas do RS: Porto Alegre (descendência açoriana), Panambi (descendência alemã), Flores da Cunha (descendência italiana) e São Borja (região de fronteira). Foram sujeitos da pesquisa 20 informantes (extraídos do acervo de Banco de Dados do Projeto VARSUL) de cada uma das quatro comunidades que constituem a amostra do RS. De acordo com a autora, devido à influência de fatores socioculturais peculiares, a lateral pós-vocálica tende a ser preservada nas comunidades bilíngues, ao contrário do que

ocorre em algumas comunidades do Estado gaúcho e diversas regiões do país, onde predomina a semivocalização.

Seguindo os parâmetros metodológicos variacionistas labovianos, foram controladas variáveis sociais e linguísticas. As variantes de ordem social consideradas foram sexo, faixa etária, escolaridade e etnia. As variáveis linguísticas foram a posição do segmento na palavra, a classe gramatical, a vogal precedente, o contexto fonológico seguinte e a tonicidade da sílaba. Computados os dados relativos ao conjunto das quatro comunidades, foram totalizadas 9914 ocorrências de contextos da lateral pós-vocálica, tendo sido analisados separadamente os dados da capital em relação aos do interior.

Os resultados mostram que, nas comunidades bilíngues de Panambi e Flores da Cunha, a realização alveolar supera o percentual de produções da velarizada, inexistindo o processo de semivocalização. Em Panambi os resultados apontaram 23% de índices de velarização e 77% de alveolarização. Para Flores da Cunha, 29 % foram os índices de velarização e 71% os de alveolarização. Para a região fronteira de São Borja, os resultados apontaram a inexistência de aplicação da variante semivocalizada e uma preferência pelas variantes velar e alveolar, com índices de 76% para velar e 24% para alveolar. Já para a capital, os resultados mostram que não há indícios da variante alveolar, havendo ocorrências apenas da velar e da semivocalizada, apresentando 90% de aplicação para formas semivocalizadas e 10% para as velarizadas.

Em relação às variáveis sexo, idade e escolaridade, tanto no interior quanto na capital, o trabalho mostrou que as mulheres, os mais jovens e os que têm maior escolaridade preferem a forma inovadora, ou seja, a forma vocalizada. De acordo com o estudo, no interior do Estado, a direção do processo inovador é da lateral alveolar para a velar – [l] → [ʎ] - e na capital, a direção é da lateral velar para a vocalização –[ʎ] → [w]. Em relação às variáveis linguísticas, os resultados mostram que a sílaba tônica se mostra mais preservadora da forma velar, do que os contextos átonos; por outro lado, a palavra simples conserva mais a lateral velar que a composta. De acordo com o estudo de Tasca, a vocalização encontra-se em fase bastante adiantada na capital e é incipiente nas outras regiões.

Apresentando outro estudo, vê-se o trabalho de Espiga (1997), que buscou investigar a variação da lateral pós-vocálica nos dialetos fronteiriços dos Campos Neutrais: Chuí e Santa Vitória do Palmar, isoladamente, a partir do acesso ao BDS-Pampa (Banco de Dados Sociolinguísticos da Fronteira e da Campanha Sul Rio-Grandense). De acordo com o autor, e atestado por Lopez (1979), a variante alveolar já desapareceu em muitas variedades do PB, porém está presente em dialetos brasileiros de fronteira por influência do contato com o espanhol, língua na qual essa variante predomina. Segundo o estudo, os maiores índices de alveolarização (54%) encontram-se na comunidade do Chuí. Para a região de Santa Vitória do Palmar, foram registrados baixos índices de alveolarização (37%) e um forte indício de mudança em direção à vocalização (34%).

A fim de comprovar a progressão da mudança linguística, o ritmo de implementação de cada processo e os fatores que contribuem para o processo de vocalização, o autor propõe uma revisão à regra telescópica, inicialmente proposta por Tasca (1999³). A revisão proposta por Espiga busca decompor o processo de semivocalização, evidenciando as etapas pelas quais passam o segmento, a saber: [l] → [l̥] → [l^w] → [w].

À luz de análises acústicas e articulatórias, dados encontrados nos dialetos chuiense e vitoriense mostraram a presença de sons intermediários entre [l̥] e [w] classificados como [l^w]. De acordo com a regra telescópica proposta pelo autor, o segmento lateral passa por quatro etapas: [l] transforma-se em [l̥], que passará a [l^w] e, finalmente, a [w]. Essas etapas evidenciarão que, ao ser decomposto o processo de vocalização, seria possível observar a presença de um segmento labializado [l^w] como estágio intermediário entre a variedade velarizada e a vocalizada.

A labialização é uma etapa do processo de transição entre [l̥] e [w], que adiciona apenas uma articulação secundária, ou seja, o traço de ponto [labial]. Em relação à etapa seguinte, a da vocalização, observa-se que ocorre a descoronalização, ou seja, há a perda da articulação consonantal primária e em consequência do desligamento [coronal], o som fica apenas com a qualidade vocálica. (ESPIGA, 1997, p. 56).

³A regra telescópica com três estágios foi apresentada por Tasca (1999), a partir de dados do VARSUL, em Porto Alegre, no dialeto fronteiriço de São Borja, e nas comunidades de Flores da Cunha e Panambi, de etnias italiana e alemã, respectivamente.

Partindo da inserção da etapa de labialização e do panorama apresentado inicialmente, sobre a região do Chuí e da região de Santa Vitória do Palmar, foi definido como valor de aplicação a variante alveolar [l] para o Chuí e a variante labializada [l^w], para Santa Vitória do Palmar. Para a análise dos dados, foram consideradas, segundo o programa VARBRUL, as seguintes variáveis linguísticas e sociais para a variante alveolar [l]: vogal precedente, tipo de sílaba quanto ao acento, lugar de constrição do contexto fonológico seguinte, ponto de articulação da consoante seguinte e tipo de fronteira vocabular. No que se refere às variáveis sociais, assim como Quednau (1993), o estudo de Espiga não considerou a variável sexo por acreditar que ela não exerce influência no processo de variação, mas, diferentemente dos outros estudos, considerou a variável grau de contato com outras variedades, além das variáveis faixa etária e escolaridade. Para a variante labializada [l^w] para a região de Santa Vitória do Palmar, o autor considerou as variáveis sociais faixa etária e escolaridade e, para as variáveis linguísticas, vogal precedente.

O levantamento dos dados, nas duas regiões, contabilizou 2.963 ocorrências de lateral pós-vocálica, que foram distribuídos da seguinte forma: para a variante alveolar 1297 ocorrências, correspondendo 44% de aplicação; para a velar 701 ocorrências, com 24% de aplicação; para a labializada 903 ocorrências, correspondendo a 30%, para a semivocalizada 41 ocorrências e 1% de aplicação e para o zero fonético, 21 ocorrências, correspondendo a menos de 1 % das aplicações.

Para a alveolarização, os resultados mostram que as consoantes seguintes labiodental, alveolar e plosiva, as vogais altas [i] e [u] no contexto precedente, e o “contato com outras variedades dialetais do PB” influenciam na alveolarização da lateral. Para a labialização, a vogal [a], em contexto precedente, favorece significativamente a labialização, da mesma forma que, para o contexto seguinte, a consoante seguinte palatal também favorece. Para as variáveis sociais, os resultados mostram que as variáveis faixa etária e escolaridade têm papel no fenômeno em ambos os dialetos. Em relação à faixa etária, foi constatado que a variante alveolar é preservada por parte dos mais velhos. Os jovens e as gerações intermediárias assumem o comportamento linguístico inovador, favorecendo a

aplicação de variante labializada. Para a variável escolaridade, os resultados evidenciam o comportamento preservador dos chuienses mais escolarizados, concorrendo para manter o prestígio de [l], enquanto os vitorienses mais escolarizados prestigiam [l^w], a forma inovadora para a mudança.

Os resultados encontrados pelo autor são semelhantes aos de Quednau (1993), que revelam uma variação entre [l] e [w] com predomínio do uso da variante alveolar para a região fronteiriça. Estendendo sua análise aos dados da região de Santa Vitória do Palmar, o autor aponta para um índice significativo de ocorrência de todos os estágios da regra telescópica, considerando haver uma mudança em curso.

O estudo de Hora (2003) buscou investigar o segmento lateral em posição de coda no dialeto pessoense com base nos dados do Projeto “Variação Linguística no Estado da Paraíba” (VALP), à luz da proposta laboviana. Submetidos os dados à análise estatística por meio do programa VARBRUL, foram selecionadas, hierarquicamente, as seguintes restrições: contexto fonológico precedente, tempo de escolarização, tonicidade, faixa etária, extensão do vocábulo e sexo.

De acordo com o estudo, foram detectadas 3.703 ocorrências da lateral em posição pós-vocálica, sendo: a) 3.109 casos de vocalização [w]; b) 583 casos de zero fonético [Ø]; c) oito casos de aspiração [h] e d) três casos de velarização [ʎ]. Devido aos baixos índices de aspirações e velarizações, foram consideradas como variantes mais frequentes a vocalização e o zero fonético.

A partir da análise dos resultados, o autor considera que a escolha de uma das duas variantes, a vocalizada e o zero fonético, depende da co-atuação de dois tipos de condicionantes: o contexto fonológico precedente e os anos de escolarização.

Para o contexto fonológico precedente, verificou-se que a variante vocalizada é selecionada quando a vogal que precede a lateral é [a], ou uma vogal anterior [i, e]. O zero fonético apresenta resultados mais significativos quando a vogal que antecede a lateral é posterior, principalmente se ela for alta. Para o fator escolarização, os resultados mostram que os falantes com mais anos de escolarização utilizam a forma vocalizada, ao contrário dos analfabetos. Isso levou o autor a concluir que existe uma relação direta entre maior tempo de escolarização e a preferência pela forma vocalizada.

O estudo de Battisti (2016) observou a vocalização da lateral /l/ em coda silábica no município gaúcho de Flores da Cunha (RS), cujo falar representa o de comunidades onde houve ou ainda há contato entre português e falares dialetais italianos. Segundo a autora, a realização alveolar da lateral caracteriza o português de contato, enquanto a realização semivocalizada é a variante inovadora, resultante da aplicação do processo conforme a tendência geral do português brasileiro. Cabe destacar que o estudo de Battisti caracteriza-se como um estudo em tempo real. Dessa forma, os resultados obtidos são capazes de refletir o comportamento da comunidade em momentos diferentes.

As entrevistas a partir das quais se levantaram os dados para a análise em tempo real pertencem a dois acervos, sendo eles o banco de dados VARSUL (1990) e o BDSer (2008-2009). A partir da análise dos dados, a autora observou que a vocalização já ocorria em 1990 e teve um incremento expressivo em vinte anos, tanto para os dados do VARSUL quanto para os dados do BDSer.

Os resultados apontaram, para os contextos de vocalização, um total de 1248 no VARSUL e 918 no BDSer. De acordo com Battisti, o estudo revelou haver vocalização da lateral em Flores da Cunha em 1990, na proporção de 12%, apresentando uma progressão que, em vinte anos (2008-2009), atingiu 77%. A fim de comprovação dos dados, a autora considerou como significativas as variáveis linguísticas contexto fonológico seguinte e tonicidade.

Para o contexto fonológico seguinte, os resultados apontam que, em 1990, nos dados do VARSUL, a vocalização tendia a ocorrer em pausa ou contexto fonológico vazio ou com consoante labial seguinte. Já para a amostra de 2008-2009, os dados do BDSer mostram que a vocalização tende a ocorrer quando a consoante é seguida de vogais posteriores, consoantes labiais e altas.

Em relação ao fator tonicidade, a expectativa era de que sílabas átonas condicionassem a vocalização. No entanto, confirmou-se a tendência em sílabas pré-tônicas, tanto em 1990 (VARSUL), quanto em 2008-2009 (BDSer). De acordo com Battisti, o progresso da vocalização poderia estar associado à menor proeminência da sílaba na palavra, ambiente de menor saliência fônica e propício ao enfraquecimento consonantal.

Outros fatores considerados significativos, no que tange à vocalização, referem-se ao incremento das atividades econômicas devido ao aumento significativo no setor da indústria, comércio e serviços, bem como a diminuição dos moradores da zona rural e o aumento considerável de habitantes na zona urbana.

No quadro a seguir são apresentados os principais resultados das pesquisas examinadas. A apresentação dos fatores linguísticos e sociais para cada pesquisa busca evidenciar a ordem de relevância considerada por cada uma delas.

Quadro 1 - Fatores selecionados pelas pesquisas sobre a vocalização⁴

Autor/ Ano	Variável dependente	Comunidades	Fatores Linguísticos favorecedores	Fatores Sociais favorecedores	Tendência a forma inovadora
QUEDNAU 1993	[w] x [f]	Porto Alegre Taquara Monte Bérico Santana do Livramento	Acento: sílabas tônica e pré- tônicas Contexto fonológico precedente: vogais [a, e, ε, o, ɔ] Contexto fonológico seguinte: consoantes altas: palatal e velar Sufixos: -mente e -zinho	Grupo Etnico Faixa etária Escolaridade Sexo	POA [w]
TASCA 1999	[f] x [w] [l] x [f]	Porto Alegre Flores da Cunha Panambi São Borja	Palavras simples Átonas	Grupo Etnico Sexo Faixa etária Escolaridade	POA [w]
Espiga 1997	[l] x [w]	Chuí Santa Vitória do Palmar	Contexto fonológico precedente: vogais [a, e ε] Contexto fonológico seguinte: consoantes palatais	Faixa etária Escolaridade	Santa Vitória do Palmar [l ^w]

⁴ O ordenamento dos fatores apresentados no Quadro 1 respeita a mesma ordem em que aparecem nos trabalhos.

Hora 2003	[w] x [∅] x [h] x [t]	João Pessoa	Contexto fonológico precedente: vogais [a, i, e]	Escolaridade Faixa etária	[w] e [∅]
Battisti 2016	[l] x [w]	Flores da Cunha	Contexto fonológico seguinte: consoantes altas, vogais posteriores e consoantes labiais Tonicidade: sílabas átonas	Faixa etária Sexo/gênero	[w]

Fonte: elaborado pela autora, 2017.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, será descrita a metodologia empregada para o desenvolvimento desta pesquisa. Inicialmente, serão apresentadas as informações referentes ao *corpus* utilizado; será mostrado um breve histórico da comunidade linguística em estudo. A seguir, serão detalhados os critérios, os procedimentos de coleta, a análise e a descrição dos dados.

3.1 A ESCOLHA DO CORPUS

Esta pesquisa, de natureza quantitativa, investigou a produção da lateral em posição de coda silábica no falar da região de Antônio Prado, utilizando o Banco de Dados de Fala da Serra Gaúcha (BDSer). O BDSer disponibiliza material coletado da língua falada na região serrana do Rio Grande do Sul (RS), reunindo dados de nove municípios da Serra Gaúcha (Antônio Prado, Bento Gonçalves, Carlos Barbosa, Flores da Cunha, Garibaldi, São Marcos, Farroupilha, Veranópolis e Caxias do Sul). Para a constituição do BDSer e descrição da língua falada (LF) da região, foram utilizados, como critérios sociais para a seleção dos informantes, as seguintes variáveis: zona (rural e urbana), gênero (masculino e feminino), idade (De 15 a 25 anos, de 30 a 45 anos, de 50 a 65 anos e de 70 ou mais) e escolaridade (1^a à 4^a série do Ensino Fundamental, 5^a à 8^a série do Ensino Fundamental, 1^a à 3^a série do Ensino Médio e Ensino Superior ou mais).

Cruzando esses critérios (2 x 2 x 4 x 4), totalizam-se 64 informantes para cada município da área geográfica de abrangência⁵. A amostra distingue informantes

⁵Conforme Battisti (2003), o total de entrevistas poderá estar sujeito a alterações, decorrentes da própria conformação da amostra: em Caxias, Zona Rural, por exemplo, não foi possível encontrar informantes com setenta ou mais anos e nível Superior de escolaridade.

de zona urbana e rural e “viabiliza⁶” o estudo de fenômenos relativos a línguas em contato em comunidades bilíngues, como, por exemplo, português/italiano.

Este estudo sobre a língua falada na região serrana do RS teve início em agosto de 2000, por meio de pesquisadores do projeto “*Variação linguística e bilinguismo: a fala na Serra Gaúcha*”, do Departamento de Letras da Universidade de Caxias do Sul.

Com base nas entrevistas disponibilizadas sobre a cidade de Antônio Prado, utilizaram-se 20 entrevistas das 64 disponíveis no banco. O número baixo de entrevistas está associado ao fato de não haver a digitalização das 64 existentes, estando somente 20 à disposição para a pesquisa. Além do número baixo de entrevistas disponibilizadas, outro agravante para a consulta dos dados se deu em virtude da falta de acesso ao acervo, que atualmente se encontra sob custódia do Centro de Documentação, integrado ao Instituto Memória Histórica e Cultural (IMHC), da Universidade de Caxias do Sul (UCS), cujo acesso só é permitido localmente e mediante agendamento de consulta.

Com base na forma de organização dos dados disponibilizados e da não facilidade de acesso ao acervo, que optou-se por trabalhar com os seguintes critérios sociais: local de moradia (rural e urbana), sexo/gênero (masculino e feminino), faixa etária (Dos 15 aos 30 anos, dos 31 aos 50 anos, dos 51 aos 70 anos e 71 ou mais) e escolaridade (Primário e Fundamental e Médio e Superior). Torna-se importante reiterar que, para a análise dos dados, a seleção de quatro faixas etárias e de dois níveis de escolarização deve-se à falta de acesso às fichas sociais dos informantes. O não acesso às fichas e a forma de organização do banco de dados não permitiu especificar de forma detalhada a idade do informante, nem a escolaridade, e, com isso, optou-se pela utilização de quatro faixas etárias e dois níveis de escolarização.

⁶ Destacamos a palavra “viabiliza”, colocando-a entre aspas porque o acesso a base de dados do BDSer apresenta algumas lacunas bastante significativas, as quais comprometem a investigação acerca de determinado fenômeno linguístico. Dentre essas lacunas estão: a) a falta de informações sobre como foram coletados os dados de cada um dos informantes para a constituição do banco, ou seja, em que local aconteciam as coletas e quais recursos tecnológicos eram utilizados pelo entrevistador?; b) a não disponibilidade das entrevistas em sua totalidade, pois apenas algumas estavam digitalizadas. Essas lacunas comprometem seriamente os resultados acerca da investigação de um fenômeno linguístico.

De acordo com os critérios sociais – faixa etária, local de moradia, gênero/sexo e escolaridade – e linguísticos – contextos fonológicos precedente e seguinte, tonicidade e posição da variável na palavra –, seriam necessárias 32 entrevistas para a realização deste estudo. No entanto, não foi possível a utilização desse número devido ao fato de que nem todas as entrevistas necessárias a este estudo, pelos critérios sociais, estavam digitalizadas. Dessa forma, optou-se por trabalhar com a relativização dos resultados encontrados com base nas 20 entrevistas disponíveis. Nos quadros a seguir é possível visualizar a distribuição das entrevistas.

Quadro 2 - Distribuição dos dados das entrevistas da zona rural

Local de Moradia	Gênero	Faixa etária	Escolaridade	Informante
Zona Rural	Masculino	15-30	Primário	Z
		15-30	Fundamental	F
		51-70	Primário	B
		51-70	Médio	V
	Feminino	15-30	Primário	W
		15-30	Fundamental	Y
		71 ou mais	Fundamental	Ş
		71 ou mais	Primário	C
		71 ou mais	Médio	N
		71 ou mais	Médio	X

Fonte: elaborado pela autora, 2017.

Quadro 3 - Distribuição dos dados das entrevistas da zona urbana

Local de Moradia	Gênero	Faixa etária	Escolaridade	Informante
		15-30	Fundamental	?
		15-30	Médio	G
		51-70	Primário	J

Zona Urbana	Masculino	51-70	Superior	@
		51-70	Superior	H
		51-70	Médio	M
	Feminino	15-30	Médio	D
		31-50	Médio	L
		71 ou mais	Fundamental	#
		71 ou mais	Primário	I

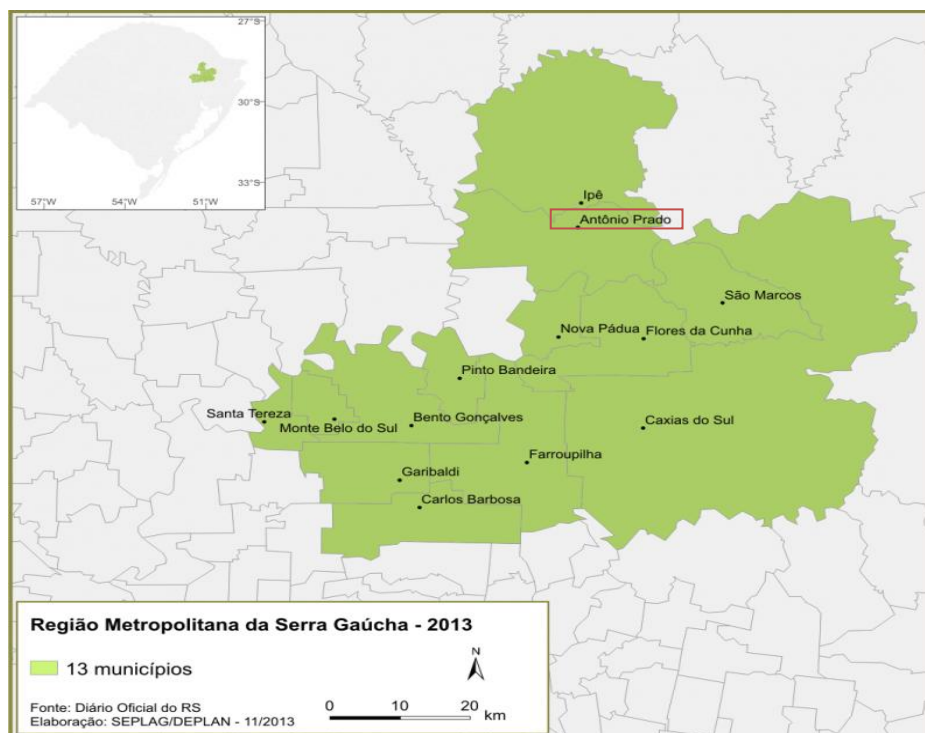
Fonte: elaborado pela autora, 2017.

De acordo com os quadros, é possível visualizar um número igual de entrevistas para ambas as áreas, sendo dez para a zona rural e dez para a zona urbana. Embora as entrevistas estejam em números iguais, os dados obtidos apresentaram-se bastante irregulares, ou seja, não há equilíbrio em relação às variáveis gênero/sexo, escolaridade e faixa etária. Este desequilíbrio deve-se ao acesso a um número limitado de entrevistas disponíveis, bem como à falta de acesso às fichas sociais de cada informante. O acesso às fichas sociais seria de extrema importância para este estudo, pois permitiria uma melhor especificação e mais detalhamento de alguns dados sociais de cada informante. Posteriormente, essa irregularidade refletiu-se nas variáveis linguísticas, o que acabou gerando a amalgamação de algumas variáveis pelo programa Rbrul.

3.2 A COMUNIDADE LINGUÍSTICA DE ANTÔNIO PRADO

Antônio Prado situa-se na Região Metropolitana da Serra Gaúcha, juntamente com outros 13 municípios sendo eles: Bento Gonçalves, Carlos Barbosa, Caxias do Sul, Farroupilha, Flores da Cunha, Garibaldi, Ipê, São Marcos, Nova Pádua, Monte Belo do Sul, Santa Teresa e Pinto Bandeira.

Figura 2 - Região Metropolitana da Serra Gaúcha



Fonte: <http://www.atlassocioeconomico.rs.gov.br/regiao-metropolitana-da-serra-gaucha>

A cidade de Antônio Prado recebeu este nome em homenagem a Antônio da Silva Prado, fazendeiro paulista que, como ministro da agricultura em 1886, promoveu a vinda dos imigrantes italianos para o Brasil e instalou núcleos coloniais no Rio Grande do Sul. De acordo com dados do IBGE (2010), a cidade possui um dos maiores percentuais de ítalo-brasileiros do país⁷. As outras etnias europeias compõem uma pequena minoria, e pessoas de origem africana, mestiça e indígena compõem o restante.

O maior e mais completo conjunto arquitetônico, em madeira, retrata fortemente a colonização italiana na região. Esse conjunto arquitetônico é composto de 48 prédios, os quais foram tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) desde a década de 1980. Outros imóveis na zona rural de Antônio Prado igualmente sobreviveram ao tempo e se revestem de grande

⁷ De acordo com o site oficial da cidade de Antônio Prado não consta a informação do número de ítalo-brasileiros existentes na cidade. No entanto, trazemos no ANEXO-A deste estudo informações, de acordo com o censo demográfico 2000-IBGE, sobre a o número de imigrantes italianos no Brasil.

valor histórico e arquitetônico. Devido a grande beleza e importância das obras arquitetônicas, elas serviram de cenário para o filme “O Quatrilho” o qual foi indicado ao Oscar e assim tornando-se sinônimo de muito orgulho para os pradenses.

Além do patrimônio material, a gastronomia, o dialeto, o artesanato, a religiosidade e forma de viver são destaques dessa cidade.

Como forma de manifestação da cultura italiana acontece todos os anos na cidade a festa denominada “Noite Italiana”, a qual busca retratar os costumes italianos que já estão na região sul há mais de 140 anos.

O centro comercial de Antônio Prado entrou em decadência no início do século, com a construção da BR-116. Devido às demarcações geográficas, o traçado não incluiu a cidade, com isso o município passou a atuar de forma mais isolada, caracterizando-se e desempenhando suas atividades para o turismo.

3.3 DEFINIÇÃO OPERACIONAL DAS VARIÁVEIS

As variáveis utilizadas neste estudo são definidas operacionalmente em dependentes e independentes. A dependente está relacionada à lateral em posição de coda em suas formas velarizada e vocalizada, e as independentes estão subdivididas em linguísticas e extralinguísticas.

3.3.1 Variável dependente

Considera-se variável dependente as formas de realização da lateral em posição de coda. Embora reconhecendo que a vocalização seja um fenômeno gradiente, para fins de análise estatística, na qual se busca identificar fatores linguísticos e sociais que possam ter papel na escolha da variante usada pelos informantes analisados, neste trabalho, são consideradas duas formas de realização tomadas de oitava: a produção velar [ʎ] e a produção vocalizada [w].

3.3.2 Variáveis independentes

Todas as variáveis linguísticas controladas neste trabalho foram selecionadas em virtude de já se terem mostrado pertinentes em trabalhos anteriores sobre a lateral em posição de coda (TASCA, 1993; QUEDNAU, 1999; ESPIGA; 2001; BATTISTI 2016), portanto, são variáveis que também poderão influenciar a vocalização da lateral na comunidade linguística de Antônio Prado.

3.3.2.1 Linguísticas

3.3.2.1.1 Contexto fonológico precedente

Por meio do fator contexto fonológico precedente, procura-se identificar as vogais que podem influenciar na vocalização do segmento lateral em posição de coda. Dessa forma, para a análise, são consideradas as sete vogais orais de nossa língua. Observa-se, a seguir, os contextos precedentes a serem considerados:

- i. Vogal baixa /a/ (sal, almoço)
- ii. Vogal média baixa anterior /ɛ/ (Nélson, papel)
- iii. Vogal média alta anterior /e/ (agradável)
- iv. Vogal alta anterior /i/ (abril, filme)
- v. Vogal média alta posterior /o/ (bolsa, voltar)
- vi. Média baixa posterior /ɔ/ (volta, solta)
- vii. Vogal alta posterior /u/ (última, cultura)

Com base nos contextos precedentes considerados, pressupõe-se que as vogais não-altas /a/, /o/ ou /ɔ/, e /e/ ou /ɛ/ favoreçam a semivocalização. As vogais não-altas tendem a criar ditongos, isto é, quando ficam foneticamente separadas quanto à altura, o que favorece a regra.

3.3.2.1.2 Contexto fonológico seguinte

Assim como o contexto precedente, também o contexto seguinte pode desempenhar um papel no processo de semivocalização do segmento lateral. Esse contexto pode aparecer tanto no interior da palavra, quanto em limite de vocábulo. Observam-se, assim, os contextos seguintes a serem considerados:

- i. Oclusiva bilabial / p-b/ (culpa, Alberto)
- ii. Oclusiva anterior /t- d/ (voltei, igual daqui)
- iii. Oclusiva posterior /k- g/ (qualquer, algum)
- iv. Fricativa labial /f- v/ (fácil foi, resolveu)
- v. Fricativa anterior /s- z/ (calçados, Elza)
- vi. Fricativa posterior palatal /ʃ- ʒ/ (sol chuva, futebol)
- vii. Nasal (filme, sinal)
- viii. Vibrante anterior (Brasil)
- ix. Vibrante posterior (mil reais)
- x. Lateral (Natal Luz, tal linha)
- xi. Vogal /u/ (fácil uma, dois mil um)
- xii. Outras vogais (igual o, hospital ou)
- xiii. Pausa (dinheiro pro sul)

Diante dos contextos seguintes considerados, espera-se que as consoantes com articulação alta, as velares e as palatais sejam as consoantes que mais favoreçam a semivocalização. Conforme atestado por Battisti (2016) e Quednau (1999), tanto a consoante velar articulada com o dorso da língua levantado, quanto a palatal emitida com todo o corpo da língua levantado são favorecedoras da semivocalização.

3.3.2.1.3 Posição da variável na palavra

Acredita-se que a posição que a variável ocupa na palavra tenha papel importante em relação à vocalização. Frente a esta suposição, para este estudo, são consideradas duas posições do segmento na palavra:

- i. Interior da palavra: solteiro, faltando
- ii. Final da palavra: normal, papel

O estudo de Quednau (1993) considerou para a variável posição do segmento na palavra a diferenciação entre vocábulos simples e compostos, cujos resultados demonstraram uma forte tendência à vocalização quando há composição ou diante de sufixo especial, como por exemplo, paste[w]zinho. Lembrando que, neste estudo, não são considerados os vocábulos compostos, sendo analisados apenas vocábulos simples. Dessa forma, parte-se da hipótese de que a posição final de palavra passa a ser posição mais favorecedora à vocalização.

3.3.2.1.4 Tonicidade da sílaba que contém a lateral

Considerando que a tonicidade da sílaba pode ter influência na variação da lateral, são consideradas as seguintes posições:

- i. em sílaba tônica: **volta**, **carnaval**
- ii. em sílaba pré-tônica: **salgada**, **voltou**
- iii. em sílaba átona final: **fácil**, **agradável**

O fator tonicidade, também considerado por Battisti (2016), apontou, para a posição pretônica, um favorecimento bastante significativo em relação à semivocalização, sendo as demais posições consideradas com menor probabilidade ao fenômeno. De acordo com Câmara Jr.(1977), “No registro formal da pronúncia

padrão do português do Brasil há a rigor uma pauta acentual para cada vocábulo. As sílabas pretônicas, antes do acento, são menos débeis do que as postônicas, depois do acento.” (p. 63). Frente aos resultados apontados por Battisti, espera-se também, neste estudo, encontrar índices mais altos de vocalização quando o segmento ocorrer em posição pretônica.

3.3.2.1.5 *Frequência de uso*

As variações e mudanças sonoras na língua estão diretamente ligadas à frequência de uso de determinada variedade. De acordo com Phillips (2001), mudanças sonoras que requerem análise, seja sintática, morfológica ou fonológica, durante sua implementação, afetam primeiro os itens lexicais menos frequentes, enquanto outras mudanças afetam primeiro itens mais frequentes”.

Na análise desse fator, foram levantadas as frequências das palavras coletadas a partir das entrevistas em dois bancos de dados, sendo eles o Corpus Brasileiro⁸ e ASPA⁹. A partir das frequências encontradas, foram definidos quatro níveis de frequência calculados de acordo com a Função Quartil do Excel.

A organização de cada quartil respeita a ordem crescente de frequência, tomando como referência as frequências encontradas no banco de dados Berber Sardinha. Dessa forma, o 1º quartil inclui, aproximadamente, 25% das palavras com mínima frequência, que encontram-se no intervalo de 0 a 389. O 2º quartil inclui, aproximadamente, 25% das palavras com frequência baixa, compreendendo o intervalo de 393 a 3.415. O 3º quartil inclui 25% das palavras mais frequentes, as quais compreendem o intervalo de 3.450 a 16.150 e o 4º quartil inclui 25% das palavras mais frequentes, compreendendo o intervalo de 16.409 a 382.846. Podem ser vistos, a seguir, os níveis de frequência a serem considerados para este estudo:

⁸ **Berber Sardinha** visa a construir e disponibilizar online o Corpus Brasileiro, que será composto por um bilhão de palavras de português brasileiro contemporâneo, de vários tipos de linguagem.

⁹ O **Projeto ASPA** surgiu a partir da necessidade de se construir um conhecimento probabilístico sólido a respeito da estrutura do Português Brasileiro contemporâneo. Foi formulado por Thaís Cristóforo-Silva (FALE - UFMG) e desenvolvido em parceria com Leonardo Almeida (DELT - UFMG). O projeto conta, ainda, com a colaboração de Raquel Fontes-Martins (FALE - UFMG) como assistente de coordenação, e o apoio de César Reis (FALE - UFMG), Hani Camille Yehia (DELT-UFMG), Rafael Laboissiere (MaxPlank Institute - Germany) e Tony Sardinha (PUCSP)

- i. Nível de frequência mínima (de 0 - 389): 1º Quartil
- ii. Nível de frequência baixa (de 393 – 3.415): 2º Quartil
- iii. Nível de frequência média (de 3.450 - 16.150): 3º Quartil
- iv. Nível de frequência alta (de 16.409 - 382.846): 4º Quartil

3.3.2.2. Extralinguísticos

As variáveis, tanto linguísticas quanto extralinguísticas, não agem isoladamente, mas atuam de forma simultânea, inibindo ou favorecendo o emprego de formas variantes semanticamente equivalentes. Conforme Mollica (2003, p. 27), agentes como escolarização alta, contato com a escrita, contato com os meios de comunicação de massa, nível socioeconômico alto e origem social alta concorrem para o aumento na fala e na escrita das variedades prestigiadas. Tomando as variáveis sociais como parte constitutiva da variação linguística. Para este estudo, foram consideradas as variáveis escolaridade, faixa etária, local de moradia e gênero.

3.3.2.2.1 *Escolaridade*

Conforme Votre (2003), a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que a frequentam e, assim, das comunidades discursivas. Ela, escola, atua como preservadora das formas de prestígio frente a tendências de mudanças nessas comunidades e é responsável, muitas vezes, por apresentar “novas formas” de dizer e escrever. Vários estudos sociolinguísticos vêm demonstrando o quanto a escolaridade influencia no comportamento linguístico dos falantes. Dessa forma, quanto maior o grau de escolaridade do indivíduo, maior o contato com a escrita, tendo, como tendência, a utilização da variante padrão. Já para os indivíduos com menor grau de escolaridade, a tendência é a utilização de outras variantes. Diante desse contexto, compreende-se que a variável escolaridade influencia na promoção

ou resistência à mudança. Para este estudo, foram considerados dois níveis de escolaridade. São eles:

- i. Primário e Fundamental
- ii. Médio e Superior.

3.3.2.2 *Faixa etária*

A variável faixa etária é uma das variáveis extralinguísticas que se apresenta como um fator importante na preservação ou na mudança de um fenômeno linguístico. Nesse sentido, várias pesquisas como as de Tasca (1999), Quednau (1993) e Battisti (2016), consideram a variável a fim de sustentar a hipótese de que a mudança linguística acontece. É por meio dessa variável que se pode verificar se o processo representa uma variação estável ou uma mudança em curso. De acordo com Monteiro (2000, p. 76), o processo de variação seria estável quando tanto jovens quanto velhos o realizassem indistintamente, enquanto que a mudança em curso ocorre quando o processo variacional é ascendente em relação aos mais jovens, ou seja, os jovens tendem a levar adiante variantes inovadoras. Com isso, busca-se identificar qual o papel que esse fator tem no processo de vocalização em Antônio Prado, sendo que, neste estudo, pressupõe-se que os informantes mais velhos tendem a preservar o traço consonantal do segmento, enquanto os informantes mais jovens tendem a utilizar a forma vocalizada. Assim, foram consideradas quatro faixas etárias:

- i. de 15 a 30 anos;
- ii. de 31 a 50 anos;
- iii. de 51 a 70 anos;
- iv. 71 anos ou mais.

3.3.2.2.3 *Local de moradia*

Conforme Battisti (2014, p. 81), as pessoas relacionam-se localmente com mais intensidade, conhecendo quase todos os membros de uma comunidade, os quais conhecem também uns aos outros. Diante disso, é possível inferir, que, em geral, as pessoas que residem na zona urbana estão expostas a diferentes formas de falar em virtude do mercado de trabalho, dos estudos ou por inúmeras outras razões, e, com isso ampliam suas redes de contato. Já as pessoas que vivem na zona rural apresentam maior homogeneidade em seus falares, por estarem sujeitas a uma menor exposição a outros contatos. Para verificar a relevância desta variável, dividiram-se os informantes em duas zonas de moradia:

- i. Zona Rural
- ii. Zona Urbana

3.3.2.2.4 *Sexo/Gênero*

Partindo-se da ideia de que homens e mulheres desempenham papéis sociais diferentes e assumem posturas distintas em relação à linguagem, é possível que o sexo/gênero do indivíduo possa ter influência na escolha de variantes linguísticas em fenômenos de variação. Autores como Chesire (2002) e Paiva (2008) sustentam que, justamente em função do papel social que as mulheres desempenham, há uma tendência, muitas vezes, de observar-se, entre elas, um uso maior de variantes-padrão do que entre homens de mesma condição social.

De acordo com Fischer (1958) e Paiva, (2011), as formas de prestígio, tanto no nível, fonológico, quanto morfossintático e semântico são preferidas pelas mulheres. Em relação à mudança linguística, Paiva (2008) afirma que frequentemente são as mulheres que lideram essas mudanças, principalmente quando a forma inovadora que está sendo implementada na comunidade possui prestígio.

Embora se reconheça que a diferença entre gêneros não se define apenas em função de fatores biológicos, em estudos de variação, geralmente, adota-se a variável gênero como binária, em função da inexistência de critérios objetivos necessários a sua categorização. Deste modo, neste trabalho, a variável sexo/gênero está organizada em:

- i. Masculino
- ii. Feminino

3.4 ANÁLISE DOS DADOS

Após a escuta das entrevistas, foram transcritos os vocábulos que continham o segmento lateral em posição pós-vocálica, totalizando um número de 1247 dados correspondentes a 263 palavras. Cada dado recebeu uma definição de acordo com as variáveis definidas na seção 3.2. Devidamente identificados, os dados foram codificados (VER APÊNDICE- A) e enumerados em relação à quantidade de vezes em que apareceram no corpora. Essa enumeração permitiu que se levantassem as frequências de ocorrências das palavras no BDSer .

A partir da constatação do número de vezes que os vocábulos apareceram no BDSer, foram comparados a outros dois bancos, o Berber Sardinha e o ASPA. Essa comparação permitiu a realização de um levantamento das frequências de ocorrência das palavras nesses corpora (VER APÊNDICE B). Embora tenha-se realizado o comparativo entre os bancos, utilizou-se como padrão de referência os resultados do Corpus Brasileiro com o objetivo de constatar quais os vocábulos são mais recorrentes na língua. É preciso salientar que este estudo parte da hipótese de que as palavras mais recorrentes são as que costumam incorporar de forma mais evidente o processo de mudança.

Posteriormente ao levantamento das frequências, os dados foram submetidos a tratamento estatístico por meio do programa Rbrul¹⁰ versão Rx64 3.2.2 (disponível em: <http://cran.r-project.org>). O programa fornece valores de *log-odds* e de peso relativo. *Log-odds* são medidas que refletem a força da relação entre um fator e a variável dependente. Se os *log-odds* são negativos, existe uma correlação negativa entre as variáveis. Nesse caso, pode-se interpretar o fator como desfavorecedor da variante considerada de aplicação. Já *log-odds* positivos indicam que a correlação entre o fator e a variável dependente é positiva. Nesse caso, o fator favorece a ocorrência da variante considerada. Quanto maior o valor do *log-odds*, mais forte é a correlação.

Em relação ao peso relativo, valores acima 0.50 indicam o favorecimento do fator no fenômeno de variação em estudo e, ao contrário, valores abaixo de 0.50 apontam o desfavorecimento do fator, enquanto valores iguais ou próximos a 0.50 indicam neutralidade, ou seja, indicam que o fator não tem papel na ocorrência do fenômeno investigado.

A rodagem dos dados no programa Rbrul teve como primeira etapa o cruzamento de fatores, que objetivou a observação da independência e da interação entre os fatores controlados neste estudo. O primeiro cruzamento realizado envolveu o contexto precedente e o contexto seguinte, que acabou indicando a existência de células vazias, ou seja, a inexistência de dados em determinados contextos. Esses cruzamentos determinaram a necessidade da realização de amalgamação nos fatores contexto precedente, contexto seguinte e tonicidade. Em relação ao contexto precedente, a partir da amalgamação, passou-se a considerar três contextos: com vogal [a], com vogal anterior e com vogal posterior. Para o contexto seguinte, foram considerados cinco contextos: consoantes labiais, consoantes coronais, consoantes posteriores, vogais e pausa. Por fim, para o fator tonicidade, consideraram-se dois subfatores, átono e tônico, tendo sido amalgamados os dados que continham separadamente o som em estudo nas posições pré-tônica e átona final.

¹⁰ O programa Rbrul realiza o tratamento estatístico de dados variáveis através de uma análise multivariada, isto é, uma análise que considera simultaneamente todas as variáveis supostamente envolvidas no processo (JOHNSON, 2009). Ele realiza a análise de regressão logística, ou seja, explica uma variável dependente através de variáveis independentes multifatoriais.

Um aspecto importante em relação aos resultados refere-se ao fato de não ter sido possível realizar a análise em dois níveis *step up* e *step down*. Em função da distribuição muito irregular de dados, a análise foi realizada em apenas um nível (One level). Embora o Rbrul realize a análise independentemente de ocorrerem casos de invariabilidade em fatores, diferente de programas como Goldvarb, foram observados, na primeira rodada, se havia casos de *knockout*, ou seja, de fatores que tivessem 0% ou 100% de aplicação. Constatou-se que, no fator indivíduo, houve *knockout* nos dados de oito indivíduos, com realização categórica de velarização. Diante disso, a variável indivíduo acabou não sendo selecionada, mas, por considerar-se relevante do ponto de vista da compreensão da distribuição das variantes, será realizada a análise dos resultados referentes a ela após a análise dos fatores que têm significância estatística.

No próximo capítulo, são apresentados e discutidos os resultados obtidos através do tratamento estatístico realizado pelo RBrul.

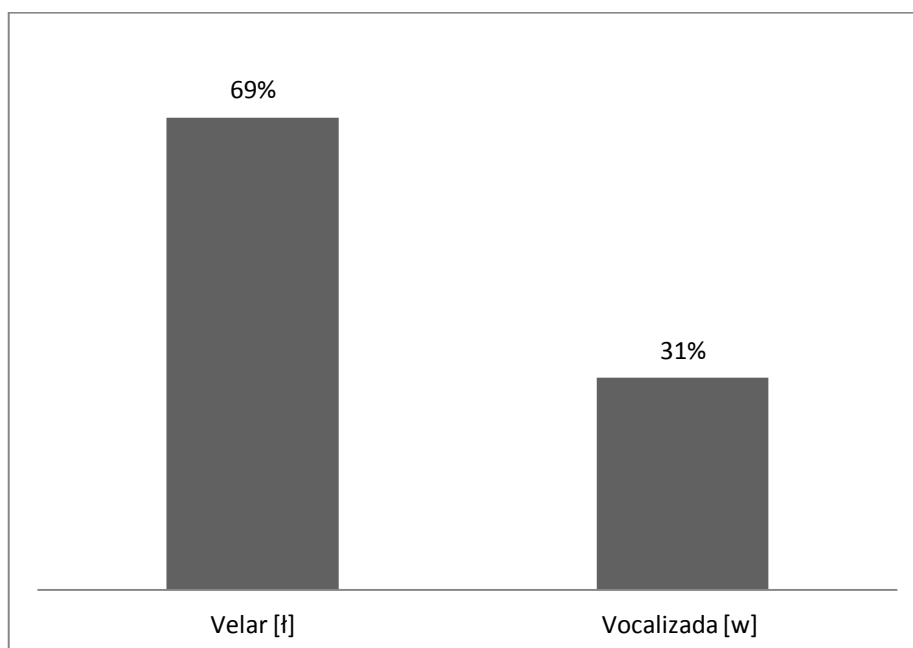
4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo apresenta os resultados acerca do estudo da semivocalização do segmento lateral na comunidade linguística de Antônio Prado, a partir da análise de 20 entrevistas tomadas de oitiva. Para efeito de análise e discussão dos resultados, utilizou-se o programa Rbrul, que selecionou, como fatores significativos ao processo de semivocalização, as variáveis: idade, local de moradia, vogal precedente, escolaridade, sexo e tonicidade, respectivamente. Juntamente dos fatores selecionados pelo programa, foram inseridos outros dois fatores: o indivíduo e a frequência. Esse fato se deu por consideramos esses fatores extremamente relevantes para a análise e discussão dos resultados acerca do fenômeno de semivocalização. A seguir, pode ser vista a apresentação e a discussão dos resultados.

4.1 RESULTADOS

Conforme a Metodologia deste trabalho, foram coletados dados de fala de 20 informantes, dos quais foram extraídos 1247 dados para a realização do segmento lateral, em que houve registro de 392 realizações para a forma semivocalizada, correspondendo a 31 % das aplicações e 855 realizações para a forma velarizada, correspondendo a 69% das produções. No Gráfico 1, a seguir, podem ser vistos os resultados gerais em relação ao fenômeno na comunidade de Antônio Prado.

Gráfico 1: Percentuais de semivocalização em Antônio Prado



Fonte: elaborado pela autora, 2017.

A partir da distribuição dos dados apresentada no Gráfico 1, pode-se verificar que a forma semivocalizada representa 31% das realizações, enquanto a forma velarizada apresenta-se em 69% das realizações. Esses resultados são referentes a 20 entrevistas, das quais dez referem-se a dados de informantes da zona rural e dez a dados de informantes da zona urbana. De acordo com os percentuais apresentados, é possível observar que o número de semivocalizações nessa comunidade de fala parece ser baixo, mas que, de alguma forma, vem se manifestando entre os indivíduos de Antônio Prado,

Para a interpretação desses resultados, cabe considerar dois aspectos bastante importantes. O primeiro refere-se à escuta das entrevistas. Alguns dos áudios disponibilizados apresentaram gravações com uma qualidade audível bastante desfavorável. Esse desfavorecimento aconteceu devido ao fato de algumas gravações apresentarem má qualidade e inúmeros ruídos o que acarretou a incompreensão dos dados, bem como o descarte dos mesmos. O segundo aspecto refere-se à irregularidade na distribuição dos dados, ou seja, alguns informantes

apresentaram uma quantidade muito baixa de realizações do segmento em estudo, por exemplo, o informante-B, que produziu apenas 27 dados com o segmento em análise (entre vocalizações e velarizações), enquanto o informante- M apresentou 142 dados (entre vocalizações e velarizações). Esta irregularidade teve como consequência, no cruzamento de fatores, a ocorrência de células vazias.

Submetidos os dados a tratamento estatístico, o Rbrul apontou como relevantes no processo de semivocalização as seguintes variáveis: idade, local de moradia, contexto precedente, escolaridade, sexo e tonicidade. Portanto, das seis variáveis que têm papel no fenômeno de semivocalização, quatro são de ordem social e duas de ordem linguística. Passa-se, então, à análise dos resultados de acordo com os fatores selecionados pelo programa.

4.1.1 Fator faixa etária

A variável Faixa Etária foi a primeira variável selecionada pelo programa na seleção geral. Como pode ser visto na Tabela 2, as duas faixas etárias relativas a informantes mais jovens da amostra favorecem à semivocalização, enquanto as duas faixas etárias referentes aos informantes mais velhos desfavorecem. Os resultados referentes à variável Faixa Etária são apresentados a seguir.

Tabela 2 - Semivocalização de acordo com o fator Faixa Etária

Fator	Aplic/total	%	Peso	Log-odds
71 anos ou mais	3/288	1	0.053	-2.890
51 - 70 anos	87/450	19	0.35	-0.607
31 - 50 anos	87/110	79	0.79	1.348
15 – 30 anos	215/399	54	0.89	2.149
TOTAL	392/1247	31.5		

Log.likelihood: -453.323 Grau de liberdade: 18 prop.: 0.314 prob.: 0.164

Fonte: elaborada pela autora, 2017.

De acordo com os resultados da Tabela 2, a semivocalização do segmento lateral é menos frequente entre os informantes com idades entre 51-70 anos e 71 anos ou mais. Conforme os resultados apresentados para a faixa etária dos 51-70 anos, em 450 dados, houve semivocalização em apenas 87, totalizando 19%, peso relativo 0.35 e *log-odds* de -0.607. Isso significa que essa faixa etária desfavorece a semivocalização. Semelhante comportamento é encontrado entre os informantes com 71 anos ou mais. No entanto, os índices de semivocalização são ainda mais baixos. De acordo com a tabela acima, dos 288 dados produzidos pelos informantes dessa faixa etária, houve semivocalização em apenas três, o que representa 1% dos dados, peso relativo de 0.053 e *log-odds* -2.890. Esses resultados mostram um baixo índice de vocalização para a faixa etária que abrange falantes mais velhos.

Diferentemente acontece com informantes com idades entre 31-50 anos e 15-30 anos. Para a faixa etária dos 31-50 anos, a tabela mostra um número maior de ocorrências de semivocalização. Em 110 dados, 87 semivocalizaram, gerando um percentual de 79%, peso relativo 0.79 e *log-odds* 1.348. Para a menor faixa etária, dos 15-30 anos, também foram encontrados altos índices de semivocalização. Dos 399 contextos, ocorreram 215 semivocalizações em 399 dados produzidos por informantes dessa faixa etária, o que representa um percentual de 54 %, peso relativo 0.89 e *log-odds* 2.149.

Pode-se perceber nos resultados um pequeno enviesamento nas faixas etárias 15-30 anos e 31-50 anos. O percentual de semivocalização da faixa dos 15-30 anos é menor do que o da faixa dos 31-50, no entanto, o peso relativo é maior. É possível que esse enviesamento seja consequência do pequeno número de dados da faixa dos 31-50 anos: somente 110 dados.

A partir dos resultados encontrados, foram verificados indícios de que a semivocalização da lateral pode se caracterizar como uma mudança em progresso, já que são as faixas etárias mais baixas que favorecem a sua aplicação. No entanto, sabe-se que não se pode tomar a idade isoladamente na análise de um fenômeno de variação. De acordo com Freitag (2005), a variável faixa etária é extremamente complexa, pois a ela estão relacionados outros aspectos sociais, tais como rede de relações sociais, mercado de trabalho e escolarização. Dessa forma, a interpretação dos resultados quando correlacionados com a variável poderá indicar que nem todo

o indício da mudança em curso apresentado pela distribuição dos resultados em função da faixa etária é reflexo somente da gradação etária dos falantes que constituem a amostra do estudo.

Partimos da ideia de que a faixa etária, juntamente com a escolaridade, evidencia o curso da vida linguística do indivíduo. Segundo Eckert, (1997 *apud* Freitag 2005), a cada etapa do ciclo vital, ocorrem mudanças de ordem biológica e social, as quais se refletem na vida do indivíduo. Da mesma forma acontece com a aquisição da língua, a entrada na escola, no mercado de trabalho etc. Essas vivências refletem as mudanças linguísticas individuais, juntamente com a gradação etária. Com isso, presume-se que, à medida que o indivíduo avança em idade e escolaridade, ele também passa a incorporar outras formas da linguagem.

O que se observa é que, efetivamente, há um conservadorismo por parte dos mais velhos e uma tendência de aplicação da semivocalização pelos mais jovens. Na mesma direção vão os estudos de ESPIGA (2002), que apontaram o fator faixa etária como significativo no processo de semivocalização nas regiões de Santa Vitória e Chuí, identificando os mais velhos como conservadores do traço consonantal do segmento, realizando a forma velarizada como a variedade de prestígio, enquanto os mais jovens e as gerações intermediárias apresentando a não preservação do traço consonantal. As gerações mais jovens assumem um comportamento linguístico inovador e, com isso, favorecem a mudança.

Os resultados encontrados por este estudo vão ao encontro do que propõe Labov (1972) acerca de estudos sobre a mudança em tempo aparente, possibilitando, assim, detectar o início de uma mudança na língua em Antônio Prado. A aplicação de semivocalização correlacionada às faixas etárias permite perceber que os indivíduos mais jovens evidenciam com maior expressividade indícios de uma mudança em progresso, direcionando o uso para a forma inovadora. Já os indivíduos com faixas etárias mais avançadas tendem a preservar o uso da forma velarizada.

Desta forma, podemos afirmar que a faixa etária é um dos fatores importantes para a análise do fenômeno em estudo, possibilitando-nos por meio dos resultados observar a existência de variação linguística. Apresenta-se, agora, a análise do próximo fator selecionado pelo programa.

4.1.2 Fator local de moradia

O segundo fator selecionado pelo programa foi a variável local de moradia, cujos resultados são apresentados na Tabela 3. De acordo com a tabela, os informantes que residem na zona urbana tendem a semivocalizar, enquanto os informantes da zona rural preferem a velarização. Podem ser observados, na tabela a seguir, os resultados apontados pelo programa para este fator.

Tabela 3 - Semivocalização de acordo com o local de moradia

Fator	Aplic/total	%	Peso	Log-odds
Zona rural	52/503	10	0.199	-1.394
Zona urbana	340/744	46	0.801	1.394
TOTAL	392/1247	31.5		

Log.likelihood: -453.323 Grau de liberdade: 18 prop.: 0.314 prob.: 0.164

Fonte: elaborada pela autora, 2017.

A partir da Tabela 3, é possível verificar que são baixos os índices de vocalização na zona rural. De um total de 503 realizações com o segmento em estudo, foram encontradas 52 ocorrências de vocalização, totalizando 10% das produções e um *log-odds* de -1.394. Em contrapartida, na zona urbana, verificou-se maiores índices de vocalização. De um total de 744 realizações, foram encontradas 340 ocorrências, o que corresponde a um percentual de 46% e um *log-odds* de 1.394.

Com base nos resultados apresentados, é possível afirmar que os informantes da zona urbana contribuem de forma expressiva no processo de semivocalização, enquanto os informantes da zona rural tendem a preservar o traço consonantal do segmento, caracterizando-se como não favorecedores a mudança.

A aplicação de semivocalização, quando associada a variável local de moradia, pode ser compreendida também como o reflexo das mudanças sócio-

histórico-geográficas da cidade, comprovadas por meio de dados estatísticos, conforme o Censo demográfico de 2010. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população de Antônio Prado que antes apresentava-se, em sua maioria, como habitantes da zona rural, hoje pode ser caracterizada como mais urbana. Dessa forma, o IBGE estimou em 9.235 habitantes os moradores da zona urbana, o que compreende um percentual de 72%, enquanto para a zona rural apenas 3.598 habitantes, o que representa 28% dos percentuais da população¹¹.

Antônio Prado, considerada importante centro comercial do início do século, entrou em decadência quando foi construída a BR-116, cujo traçado não incluiu a cidade. Atualmente, a cidade é considerada um polo turístico, o que permite aos pradenses um contato maior com outras variedades da língua, como, por exemplo, a forma vocalizada. É claro que os indivíduos que trabalham e estudam na zona urbana podem trazer consigo marcas do dialeto da zona rural. E é claro também que aqueles indivíduos que residem em zonas mais distantes do centro ou dos bairros considerados mais nobres vão estabelecendo outras características de diferenciação linguística. Mas, por quais motivos identificam-se diferenciações linguísticas entre os indivíduos da zona rural e da zona urbana? Seria uma forma de (re)produção de estruturas, de aceitação por parte do indivíduos da zona urbana ou seriam questões relacionadas à preservação de identidade pelos indivíduos da zona rural?

Muitas podem ser as possibilidades de respostas. No entanto, nos parece bastante plausível o que considera Guy (2000) acerca da relação que o indivíduo estabelece entre a linguagem e o meio onde ele vive.

[...] o que explica traços linguísticos compartilhados são a densidade de comunicação e as normas compartilhadas. Consideremos, primeiro, a densidade de comunicação. Uma densidade de comunicação relativamente alta em um grupo significa que os falantes têm mais acesso e exposição aos usos linguísticos de outros membros do grupo. Logo, podem mais prontamente ouvir o que outros membros da comunidade estão fazendo com a linguagem, o que cria a possibilidade de adquirir deles certos traços linguísticos. Em contraste, o nível relativamente baixo de comunicação com não membros torna menos provável que se adquiram usos de fora da comunidade de fala. Em outras palavras, a comunidade de fala é o domínio

¹¹ Os resultados indicados sobre a população de Antônio Prado (RS), referem-se aos dados do censo demográfico de 2010. Disponível em:
<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/frm_urb_rur.php?codigo=430080> Acesso em:

no qual os processos sociolingüísticos de acomodação e convergência ocorrerão. Dito sucintamente, fala-se como as pessoas COM as quais se fala. (GUY,2000, p. 20)

Diante do que aponta Guy sobre a densidade da comunicação entre os falantes, pode-se afirmar que, para a zona rural, a densidade é mais alta, o que explicaria a ocorrência da variante velarizada. Já na zona urbana, devido ao acesso e à exposição aos usos linguísticos de outros falantes, ocorre também a variante vocalizada.

De fato, a população da zona urbana é mais expressiva numericamente em relação à zona rural e, com isso, se torna possível presumir que os contatos estabelecidos por esses indivíduos também são maiores devido ao mercado de trabalho, as visitas turísticas recorrentes na cidade, o acesso aos diferentes aparelhos do Estado (escola, hospitais, segurança pública etc.), as diferentes ferramentas tecnológicas etc. Esses contatos possibilitam que os indivíduos estabeleçam relações com outras variedades da língua.

Nesse sentido, o estudo de Battisti (2014) contribui fortemente para as suposições estabelecidas acerca da variável local de moradia e das diferentes relações estabelecidas pelos indivíduos dentro e fora da sua comunidade e/ou do seu local de moradia. Segundo a autora, além do seu local de moradia, as relações estabelecidas entre as pessoas dentro e fora de uma comunidade contribuem para o uso de determinadas variedades linguísticas. Desse modo, é possível perceberem-se diferenças linguísticas dos dialetos da cidade e do campo, como, por exemplo, a forma semivocalizada de maneira mais significativa para a zona urbana e a forma velarizada para a zona rural.

Pode-se dizer, de acordo com o que aponta Labov (1972), que a linguagem reflete não apenas o local de origem do indivíduo, mas também o local onde ele mora e trabalha.

[...]os dialetos rurais podem transformar-se em dialetos de classe nas zonas metropolitanas, como decorrência da migração dos falantes rurais para as ocupações urbanas de menor prestígio. É fato que, quando um homem do campo chega à cidade, com frequência sua fala regional é ridicularizada. Em consequência, pode ocorrer uma transformação rápida dos traços mais evidentes dos dialetos rurais, quando seus falantes passam a habitar nas cidades. (LABOV, 1972 apud MONTEIRO,2000 p. 78)

Em consonância com os resultados encontrados sobre a variável local de moradia, em detrimento da qual se observou uma expressiva tendência de semivocalização na zona urbana, observam-se os estudos de Quednau (1993). De acordo com a autora, indivíduos das regiões metropolitanas contribuem fortemente para o processo de aplicação da regra de semivocalização, o que permite inferir que as tendências de mudança se iniciam com mais expressividade pelas regiões de maior fluxo de pessoas.

Após a apresentação do fator local de moradia, será apresentada a interpretação dos resultados do próximo fator selecionado pelo programa.

4.1.3 Fator contexto precedente

O terceiro fator selecionado pelo programa foi a variável contexto precedente, cujas taxas de ocorrência são apresentadas na Tabela 4. A partir da amalgamação realizada, para este fator passou-se a considerar três contextos: com vogal [a], com vogal anterior [ɛ, e, i] e com vogal posterior [o, ɔ, u]. De acordo com os resultados, há um favorecimento à semivocalização quando em contexto precedente há a presença da vogal posterior [u] e baixo favorecimento quando há a presença das vogais [a, ɛ]. Observam-se, a seguir, os resultados apontados pelo programa para este fator:

Tabela 4 - Semivocalização de acordo com o contexto precedente

Fator	Aplic/total	%	Peso	Log-odds
Vogal anterior – [ɛ] anel	51/179	29	0.413	-0.352
Vogal [a] – pessoal	257/805	32	0.445	-0.223
Vogal posterior – [u] azul	85/264	32	0.64	0.575
TOTAL	392/1247	31.5		

Log.likelihood: - 453.323 Grau de liberdade: 18 prop.: 0.314 prob.: 0.164

Fonte: elaborada pela autora, 2017.

De acordo com os resultados apresentados na Tabela 4, é possível perceber que a vogal posterior [u] favorece a semivocalização¹². Das 264 realizações do segmento após esta vogal, 85 caracterizaram-se como produções semivocalizadas, totalizando 32% e apresentando um *log-odds* de 0.575, o que demonstra um favorecimento significativo. Em relação à vogal [ɛ], os resultados apontam para uma aplicação da regra em 51 realizações para os 179 contextos de ocorrência, totalizando 29%, e um *log-odds* de -0.352. Para a vogal [a], os resultados apontaram uma aplicação de 257 realizações para 805 contextos de ocorrência, totalizando 32%, e um *log-odds* de -0.223. Embora os percentuais entre as vogais [a] e [u] sejam iguais, observa-se que o peso relativo para a vogal posterior indica um favorecimento para aplicação da regra.

Este estudo foi iniciado com a hipótese de que, para a variável contexto precedente, as vogais /a/, /o/ ou /ɔ/, e /e/ ou /ɛ/ favoreceriam a aplicação da regra, conforme os estudos de Hora(2006) e Quednau (1993). No entanto, os resultados estatísticos apresentados na Tabela 4 mostram a vogal alta [u] como o contexto que mais favorece a semivocalização. Nesse contexto, portanto, haveria um partilhamento de traços de labialidade, de arredondamento e de altura entre vogal [u] e segmento resultante da vocalização.

Do ponto de vista do pesquisador, a sequência [uw] é bastante difícil de ser percebida, de oitiva, já que se mostra como um *continuum* de segmentos, fazendo com que, na sua percepção, possa ser identificado um único elemento.

Diferentemente dos resultados encontrados nesta pesquisa, em Quednau (1993) mostraram-se favorecedoras à aplicação de semivocalização as vogais [a, e, ɛ, O ɔ] em contexto precedente. De acordo com a autora, tais contextos vocálicos, do ponto de vista perceptual, favorecem a criação de ditongos nítidos. Já a vogal alta [u], que se manifestou pouco favorecedora à semivocalização, criaria sequências de interpretação ambígua, em função de valores pouco distanciados entre a vogal precedente e o segmento vocalizado.

A seguir, são apresentados os resultados referentes à variável Escolaridade.

¹² Embora este resultado tenha sido evidenciado por meio do programa cabe considerar que ele pode ser problemático, pois as análises realizadas foram feitas de oitiva.

4.1.4 Fator escolaridade

O quarto fator selecionado pelo programa foi a variável escolaridade, para a qual podem ser observados os resultados da Tabela 5. De acordo com a tabela, informantes com níveis médio e superior de escolaridade tendem a aplicar a regra de semivocalização, enquanto os informantes com níveis primário e fundamental tendem a preservar a velarização do segmento. Observa-se, na tabela, os resultados para este fator.

Tabela 5 - Semivocalização de acordo com a escolaridade

Fator	Aplic/total	%	Peso	Log-odds
Primário e Fundamental	38/355	11	0.426	-0.3
Médio e Superior	355/538	40	0.574	0.3
TOTAL	392/1247	31.5		

Log.likelihood: -453.323 Grau de liberdade: 18 prop.: 0.314 prob.: 0.164

Fonte: elaborada pela autora.

A partir da Tabela 5, é possível perceber que os informantes com nível primário e fundamental tendem a não semivocalizar. Dos 355 contextos, 38 foram realizados como semivocalizadas, totalizando 11%, apresentando um *log-odds* de -0.3. Para os informantes com nível médio e superior, os resultados apontam um favorecimento à semivocalização. Dos 538 contextos, 355 caracterizaram-se como semivocalizadas, totalizando 40%, tendo um *log-odds* de 0.3.

Os resultados encontrados indicam que há uma relação direta entre o nível de escolaridade e o uso da variante semivocalizada. Essa correlação aqui demonstrada é facilmente vislumbrada, uma vez que a forma semivocalizada do segmento lateral é considerada a variante de prestígio do PB, especificamente no que se refere à língua oral, enquanto a forma velarizada é considerada variante estigmatizada.

Entende-se que à medida que o indivíduo passa a frequentar por mais tempo a escola e a estabelecer mais contato com as variedades da língua oral, tomando a

forma semivocalizada como a variedade inovadora e também de prestígio, ele tende a incorporá-la como parte da sua linguagem. Tendo isso em vista, conforme observado, os resultados apontam que indivíduos com maior nível de escolaridade usam mais a variante semivocalizada, enquanto indivíduos com menor nível de escolaridade usam preferencialmente a variante velarizada.

Indo ao encontro do que foi observado sobre a variável escolaridade, podem ser apontados os estudos de Tasca (1999) e Espiga (2001), na expectativa de verificar se, efetivamente, os mais escolarizados retêm menos a variante conservadora do que os informantes com menor grau de instrução.

No estudo de Tasca, no qual foram considerados três níveis de escolaridade (primário, ginásio e segundo grau), as expectativas confirmaram-se. Os informantes do primário foram os que mais retiveram a forma alveolar, enquanto os informantes do ginásio e segundo grau apresentaram maiores índices de utilização da semivocalização.

Para o estudo de Espiga, a expectativa apresentada não se confirmou. Na comunidade do Chuí, os informantes que possuíam escolaridade alta preservaram mais o traço alveolar do que os de escolaridade baixa, já em Santa Vitória, a escolaridade alta favoreceu a implementação da variante inovadora, a velarizada labializada. De acordo com Espiga, a atitude conservadora dos informantes com grau maior de instrução no grupo do Chuí pode ser atribuída ao fato de que, na fronteira, o sentido favorecedor da escolaridade na direção da preservação se deve ao fato de, no contínuo Português-Espanhol, as formas compartilhadas por ambas as línguas terem mais prestígio do que no restante do território gaúcho.

Embora se tenha observado que possa haver interferências na aplicação da forma inovadora, não há como desconsiderar a influência da variável escolaridade como fator influenciador na mudança, pois se acredita em uma tendência de que, quanto maior a permanência do indivíduo na escola, maiores são as probabilidades de incorporação de novas formas na linguagem, principalmente as consideradas de prestígio.

Após a análise e interpretação do fator escolaridade, pode ser observada a análise do próximo fator selecionado pelo programa.

4.1.5 Fator sexo/gênero

O quinto fator selecionado foi a variável sexo/gênero, tendo seus resultados apresentados na Tabela 6. De acordo com a tabela, as mulheres favorecem a semivocalização, enquanto os homens tendem a preservar a velarização do segmento. Vejamos, na tabela, os resultados para este fator.

Tabela 6 - Semivocalização de acordo com o “sexo/gênero”

Fator	Aplic/total	%	Peso	Log-odds
Homem	217/725	30	0.425	-0.302
Mulher	176/523	34	0.575	0.302
TOTAL	392/1247	31.5		

Log.likelihood: -453.323 Grau de liberdade: 18 prop.: 0.314 prob.: 0.164

Fonte: elaborada pela autora, 2017.

De acordo com os resultados da Tabela 6, a semivocalização do segmento lateral é menos frequente entre os homens. Conforme os resultados apresentados, houve semivocalização em 217 contextos de 725, totalizando 30%, tendo um peso relativo 0.425 e *log-odds* de -0.302. Em relação às mulheres, os resultados mostram um leve favorecimento a semivocalização. Dos 523 contextos, 176 equivalem às aplicações da forma semivocalizada, totalizando 34%, com peso relativo de 0.575 e *log-odds* de 0.302.

Com base nos resultados mostrados na Tabela 6, é possível dizer que há uma leve diferença de comportamento entre mulheres e homens acerca da aplicação de semivocalização, sendo as mulheres favorecedoras à aplicação de semivocalização. De acordo com os estudos de caráter variacionista (Labov, 1980; Eckert, 1995), as mulheres são as que mais utilizam as formas de prestígio, e o mesmo acontece em relação ao uso das formas inovadoras.

Ao serem interpretados os resultados dessa variável na comunidade de Antônio Prado, considera-se serem bastante coerentes os resultados encontrados quando comparados aos resultados de outras pesquisas sociolinguísticas sobre o

papel das mulheres nos processos de mudança e variação, especialmente no que se refere à incorporação de formas inovadoras.

Acredita-se que, neste estudo, a influência da variável gênero/sexo na implementação da forma inovadora em Antônio Prado não possa ser vista de forma isolada, pois a ela devem ser associados outros fatores relevantes, como por exemplo, a entrada das mulheres no mercado de trabalho, o acesso a ferramentas tecnológicas, o grau de instrução, entre outras. Presume-se também que, além disso, está a relação direta da mulher pradense em delimitar seus posicionamentos sócio-histórico-ideológicos por meio da linguagem com as questões hierárquicas dentro da própria família ou, até mesmo, dentro da comunidade.

É por meio da linguagem, do uso de formas inovadoras, que começam a serem percebidas diferenças linguísticas tendo em vista atitudes sociais. De acordo com Monteiro (2000), os indivíduos são socialmente diversificados em função dos vários papéis sociais que a sociedade lhes impõe e das expectativas de padrões e comportamentos que são criados para a vida deles.

Considerando os diferentes papéis impostos pela sociedade, nos dias atuais, já temos percebido que há uma tendência bastante significativa de as mulheres desenvolverem outras atividades que não só as domésticas e ocuparem outros cargos profissionais que antes eram ocupados somente por homens. A sociedade vem se encaminhando para uma nova configuração social e econômica. Frente a essa nova possibilidade de ascensão social pelas mulheres e relacionando-a ao fenômeno da semivocalização, presumimos que há, talvez, inconscientemente uma forma de empoderamento das mulheres quando passam a incorporar a forma semivocalizada, já que ela é considerada inovadora, sendo também a forma de prestígio do PB.

Os resultados encontrados nesta pesquisa estão de acordo com os resultados encontrados para a variável gênero/sexo nos estudos de Quednau (1993), Tasca (1999) e Espiga (2001)

No estudo de Quednau, a variável apresentou pouca relevância na aplicação da variante inovadora, a semivocalizada, para as regiões de Porto Alegre e regiões do interior do Estado, tendo resultados quase próximos ao ponto neutro dos pesos relativos. Para homens, os resultados foram de 0.47 e para mulheres, 0.53. Devido a

esses resultados, a autora considerou pouco expressiva a diferença entre homens e mulheres, mas apontou para um direcionamento à mudança.

Nos estudos de Tasca, os resultados apresentaram-se diferentes dos de Quednau, pois a variável foi escolhida pelo programa em segundo lugar. De acordo com os resultados encontrados, os homens (0.64) são mais conservadores que as mulheres (0.30), caracterizando uma maior preservação do traço velar nas comunidades de PAN- FC e SB.

Nos estudos de Espiga, a variável sexo/gênero não apresentou resultados significativos nas regiões de fronteira Santa Vitória e Chuí. Para o Chuí, os resultados revelaram pesos relativos 0.46 para os homens e 0.57 para as mulheres. Já na região de Santa Vitória, essa variável não foi selecionada. Os resultados encontrados por Espiga estão de acordo com os postulados da Sociolinguística, que indica as mulheres como influenciadoras no processo de mudança entre as formas a serem consideradas.

Frente aos resultados apresentados anteriormente, juntamente com resultados apontados para a influência da variável gênero/ sexo em Antônio Prado, observa-se uma coerência com os estudos Sociolinguísticos em relação ao papel das mulheres nos processos de mudança e variação, tanto no que diz respeito ao uso das formas linguísticas prestigiadas, quanto na incorporação de formas inovadoras de maneira mais expressiva.

Cabe destacar que a variável gênero/sexo está sujeita a interferência de outras variáveis como mercado de trabalho, estudos, acesso às novas tecnologias, novas redes de contato etc., o que muitas vezes acaba por não ser considerado na interpretação da variável. Porém, há que se destacar, como já atestado anteriormente, que as mulheres apresentam um papel diferenciado no processo de mudança ou emprego de novas formas linguísticas ou prestigiadas socialmente.

Após a análise e interpretação dos resultados para a variável gênero/sexo, podem ser observados resultados referentes à análise do próximo fator.

4.1.6 Fator tonicidade

O sexto fator selecionado foi a variável tonicidade, cujos resultados estão apresentados na Tabela 7. De acordo com a tabela, há um favorecimento a semivocalização em posição átona do segmento, podendo ser identificado, na posição tônica, desfavorecimento do processo.

Tabela 7 - Semivocalização de acordo com a tonicidade

Fator	Aplic/total	%	Peso	Log-odds
Tônica	263/584	33	0.441	-0.236
Átona	130/464	28	0.559	0.236
TOTAL	392/1247	31.5		

Log.likelihood: -453.323 Grau de liberdade: 18 prop.: 0.314 prob.: 0.164

Fonte: elaborada pela autora, 2017.

Conforme os resultados apresentados na Tabela 7, na posição átona houve 130 aplicações de semivocalização em 464 realizações, totalizando 28%, apresentando *log-odds* 0.236. Para a posição tônica, os resultados mostraram um desfavorecimento à semivocalização, com 263 aplicações de semivocalização para de 584 realizações, totalizando 33%, com *log-odds* 0.236.

Os resultados para a variável tonicidade encontrados neste trabalho são semelhantes aos de Battisti (2016). No estudo em tempo real, realizado na comunidade de Flores da Cunha, a autora constatou que, em 1990 (VARSUL), a semivocalização costumava ocorrer em sílabas pretônicas e tônicas. Em 2008-2009 (BDSer), apenas as sílabas pretônicas se destacam. Isso parece sugerir que o progresso da vocalização esteja associado à menor proeminência da sílaba na palavra, ambiente de menor saliência fônica, propício ao enfraquecimento consonantal. (Battisti, 2016, p. 106-107)

Nesse sentido, reitera-se que a tonicidade em posições átona final e pré-tônica, aqui consideradas como átona, favorece a aplicação da semivocalização em Antônio Prado.

Os resultados encontrados para as variáveis sociais e linguísticas mostram evidências de aplicação de semivocalização em Antônio Prado em uma proporção

de 31%. Embora baixos os índices de aplicação da variante semivocalizada, ela é mais recorrente na fala de indivíduos mais jovens, na fala de mulheres e de moradores da zona urbana. É possível afirmar que o fenômeno, com base nas variáveis selecionadas pelo programa Rbrul, apresenta indícios de um caráter mais social do que linguístico. E, devido a este caráter social, decidiu-se por analisar o ator indivíduo, embora não tenha sido selecionado pelo programa. A análise desse fator se justifica em função de haver, na amostra, indivíduos que não variam a forma de realização do segmento em estudo.

4.1.7 Fator indivíduo

O sétimo fator a ser apresentado refere-se ao fator indivíduo, que, mesmo não tendo sido selecionado pelo programa, consideramos importante para a análise, pois houve realização categórica de velarização por seis informantes. A seguir, é apresentado o quadro com o número de produções velarizadas e semivocalizadas realizadas por informante.

Quadro 4 - Número de realizações velarizadas e semivocalizadas por informante

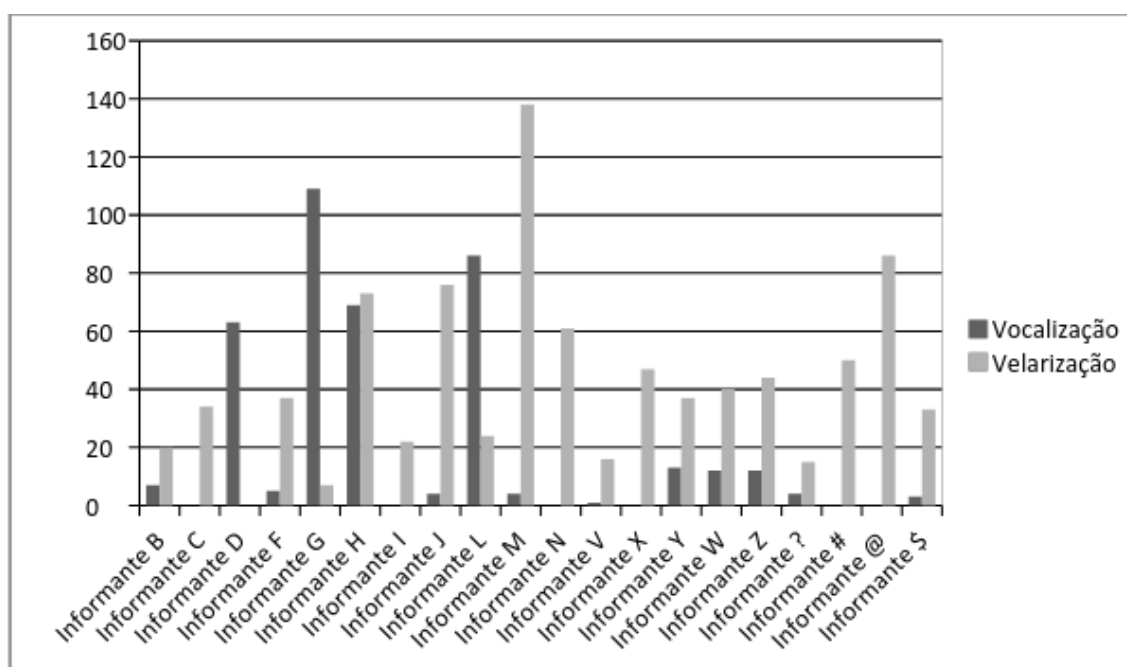
Informante	Número de realizações	Velarização	Semivocalização
B	27	20	7
C	34	34	0
D	63	0	63
F	42	37	5
G	116	7	109
H	142	73	69
I	22	22	0
J	80	76	4
M	142	138	4
N	61	61	0
V	17	16	1
X	47	47	0
Y	50	37	13
W	52	40	12
Z	56	44	12
?	19	15	4
#	50	50	0
@	86	86	0

§	36	33	3
L	105	19	86
TOTAL	1247	855	392

Fonte: elaborado pela autora, 2017.

De acordo com o Quadro 4, de um total de vinte entrevistas, houve a produção categórica de velarização pelos indivíduos C I N # X @. A fim de visualizar a proporção de produções velares e semivocalizadas na amostra, os resultados foram distribuídos no gráfico a seguir.

Gráfico 2 : Uso das variantes vocalizada e velarizada por informante



Fonte: elaborado pela autora, 2017.

Conforme pode-se visualizar no Gráfico 2, os indivíduos C I N # X @ produzem categoricamente a variante velarizada. Desses, C I N # estão dentro da faixa etária dos 71 anos ou mais, sendo todos os informantes do sexo/gênero feminino. Os informantes X e @ estão dentro da faixa etária dos 51-70 anos, sendo X do sexo/gênero feminino e @ do sexo/gênero masculino.

Para a interpretação desses resultados, além da idade e do sexo/gênero é importante considerar o local de moradia e a escolaridade. Os informantes C e N, com nível de escolaridade primário e médio, respectivamente, e o informante @ com

nível de escolaridade médio são residentes da zona rural. Em relação aos informantes I e #, com nível fundamental de escolaridade e o informante X com nível médio de escolaridade, são residentes na zona urbana de Antônio Prado. A seguir, são apresentados os Quadros 5 e 6, para uma melhor caracterização dos indivíduos que usam somente a variante velarizada.

Quadro 5 - Características de indivíduos que usam somente a variante velarizada - zona rural

Indivíduo	Faixa Etária	Sexo/Gênero	Escolaridade
C	71 ou mais	Feminino	Primário
N	71 ou mais	Feminino	Médio
@	51 - 70	Masculino	Médio

Fonte: elaborado pela autora, 2017.

Quadro 6 - Características de indivíduos que usam somente a variante velarizada - zona urbana

Indivíduo	Faixa Etária	Sexo/Gênero	Escolaridade
I	71 ou mais	Feminino	Fundamental
#	71 ou mais	Feminino	Fundamental
X	51- 70	Feminino	Médio

Fonte: elaborado pela autora, 2017.

Em relação às características apresentadas para os indivíduos que utilizam somente a variante velarizada, é possível fazer algumas interpretações acerca da não aplicação de semivocalização. O primeiro aspecto a ser considerado sobre esses informantes refere-se às faixas etárias. Pode-se perceber que todos pertencem às faixas referentes aos informantes mais velhos, estando conforme apresentado na seção 4.1.1, a qual apontou para um conservadorismo da forma velarizada pelos mais velhos, enquanto os mais jovens e das faixas intermediárias preferiam a forma semivocalizada.

O segundo aspecto a ser considerado refere-se ao Local de moradia, que, de acordo com os quadros 5 e 6, apresenta-se bastante equilibrado, apontando para uma distribuição regular para informantes da zona urbana e da zona rural. Com isso, qual seria o papel da variável local de moradia para a categorização da velarização?

Diante dos resultados, acredita-se que essa categorização se deve ao fato de as relações estabelecidas entre os falantes serem mais restritas, ou seja, embora residam na zona urbana, ainda carregam consigo traços e marcas do dialeto do campo, evidenciado por meio da velarização como forma de identidade da sua marca linguística. De acordo com Labov (1994), as pessoas que residem na mesma cidade, frequentando os mesmos ambientes e expostas aos mesmos meios de comunicação de massa, podem ser desigualmente afetadas pela mudança linguística, de tal modo que, com o passar do tempo, a linguagem que usam se torna cada vez mais diferenciada.

O terceiro aspecto a ser considerado refere-se à variável gênero/sexo. De acordo com a categorização dos resultados para a variante velar, observa-se uma maior expressividade para as mulheres no uso dessa variante. Diferentemente do que aponta a literatura sociolinguística sobre a participação das mulheres nos fenômenos de mudança, o que se constata é que algumas mulheres não adotam a forma inovadora. Ao encontro desse resultado estão os estudos de Labov (1972) sobre a centralização dos ditongos em /ay/ e /aw/ na ilha de Martha's Vineyard. De acordo com o autor, os dados apontaram para os homens como propulsores no processo de mudança. Diante do que apontou Labov sobre a não influência das mulheres na adoção de formas inovadoras, acredita-se que o mesmo aconteceu com esses indivíduos do sexo/gênero feminino no que se refere à velarização. Acredita-se também que não há como se estabelecer uma categoricidade atribuindo sempre às mulheres o papel de propulsoras de uma mudança. O último aspecto a ser considerado refere-se à escolaridade. De acordo com este fator, observa-se que o nível de escolaridade para os mais velhos se apresenta de forma equilibrada, com níveis baixos de escolaridade. Nesse sentido podemos interpretar este fator no mesmo sentido em que aponta Labov (1994). Segundo ele, os falantes mais velhos tem grau de escolaridade mais baixo do que os mais jovens. Dessa forma, os hábitos linguísticos de jovens e idosos podem, possivelmente, ser diferentes. Essa possibilidade pode evidenciar o fato como sendo muito menos um reflexo da diferença etária do que da diversidade de classe, escolaridade ou profissão.

O próximo fator a ser analisado neste estudo refere-se à Frequência de uso dos vocábulos na comunidade linguística de Antônio Prado. Embora este fator não

tenha sido selecionado pelo programa Rbrul, considera-se que ele possa trazer contribuições significativas para a análise do fenômeno da semivocalização na comunidade pradense.

4.1.8 Fator Frequência

O oitavo fator a ser apresentado refere-se à frequência que, mesmo não tendo sido selecionado pelo programa, julga-se importante constar na análise. Tendo em vista que o fenômeno objeto deste estudo é foneticamente motivado, a sua propagação pode ocorrer dos itens mais frequentes aos menos frequentes. Diante da ideia de que são os itens lexicais mais frequentes os primeiros a serem sujeitos à mudança, são apresentados, no Quadro 7, os níveis de frequência dos vocábulos e seu quartil correspondente, realizando um comparativo entre os bancos Corpus Brasileiro e ASPA¹³. É a partir das ocorrências de um determinado vocábulo nos bancos de referência que se define a escala de frequência adotada neste trabalho.

Quadro 7 - Frequência de vocábulos por quartil

Corpus Brasileiro	ASPA	Escala de Frequência dos Vocábulos
Quartil 1= de 0 a 389	Quartil 1= de 0 a 855	1
Quartil 2= de 393 a 3.415	Quartil 2= de 920 a 3.708	2
Quartil 3= de 3.450 a 16.150	Quartil 3= de 3.814 a 17.326	3
Quartil 4= de 16.409 a 382.846	Quartil 4= de 17.424 a 362.981	4

Fonte: elaborado pela autora, 2017.

De acordo com o Quadro 7, no Corpus Brasileiro, o primeiro quartil contém palavras com até 389 ocorrências, o segundo quartil é formado por palavras que têm ocorrências no intervalo entre 393 a 3.415, o terceiro quartil engloba palavras que

¹³ É possível realizar a consulta do levantamento das frequências dos dados coletados para este estudo, de forma detalhada no Apêndice B desta pesquisa.

têm ocorrências no intervalo entre 3.450 a 16.150 e o quarto por palavras com até 382.846 ocorrências. No ASPA, o primeiro quartil contém palavras com até 855 ocorrências, o segundo quartil é formado por palavras que têm ocorrências no intervalo entre 920 a 3.708, o terceiro quartil engloba palavras que têm ocorrências no intervalo entre 3.814 a 17.326 ocorrências e o quarto por palavras com até 362.981 ocorrências.

Considerando-se os níveis de frequência em cada um dos corpora apresentados e com base no pressuposto de que os itens de maior frequência são aqueles que incorporam primeiramente as mudanças, são apresentados, no Quadro 8¹⁴, os itens mais frequentes produzidos por informantes de Antônio Prado, o número de vocalizações na amostra, a frequência no Corpus Brasileiro e no ASPA, e o quartil em que se enquadra o vocábulo.

Quadro 8 - Itens de maior frequência produzidos por informantes de Antônio Prado – BDSer

Palavras	Número de vocalização na amostra/total de ocorrência	Frequência no Corpus Brasileiro	Frequência no ASPA	Quartil
Legal	37/73	107.749	17.424	4°
Tal	28/67	70.907	28.152	4°
Pessoal	10/50	90.838	31.571	4°
Volta	8/47	150.432	76.098	4°
Natal	13/35	31.178	19.687	4°
Alguma	5/35	295.180	31.816	4°
Difícil	9/32	74.932	39.538	4°
Jornal	6/29	24.002	45.108	4°
Carnaval	9/26	769	17.183	2°
Futebol	8/24	12.904	74.703	3°
Geralmente	6/23	8.938	7.686	3°
Final	6/22	49.244	138.757	4°
Faculdade	6/21	19.728	16.294	4°
Almoço	11/21	16.150	9.272	3°
Brasil	9/20	3.415	362.981	2°

¹⁴ A organização do Quadro 8 buscou evidenciar os itens de maior frequência produzidos por informantes de Antônio Prado - BDSer, porém torna-se importante atentar para o número de vocalização na amostra, pois as palavras estão organizadas no quadro respeitando a frequência de ocorrência, o número de vocalizações, a frequência em outros dois corpora e o quartil a que pertence o vocábulo, respectivamente.

Alguém	5/19	296.687	25.002	4°
Igual	6/18	32.624	15.430	4°
Mil	0/13	55.453	204.189	4°
Parreiral	2/13	0	0	1°
Barrisul	2/13	0	0	1°
Cultura	5/8	6.132	48.227	3°

Fonte: elaborado pela autora, 2017.

Como podemos ver, no Quadro 8 foram apresentados os 21 itens mais frequentes produzidos por informantes de Antônio Prado - BDSer. Com base nesses vocábulos é possível observar os seguintes resultados: das 21 palavras, 13 são pertencentes ao 4º quartil, quatro são pertencentes ao 3º, duas ao 2º e duas ao 1º quartil.

Comparando-se os resultados com os valores de frequência desses vocábulos no Corpus Brasileiro e no ASPA, é possível encontrar aproximações, ou seja, palavras como “tal” e “legal”, apresentaram índices altos de frequência nos três corpora. No BDSer, há 67 ocorrências da palavra “tal” e 73 para a palavra “legal”. No *Corpus* Brasileiro, para a palavra “tal”, tem-se uma frequência de 70.907 ocorrências e no ASPA, 28.152. Para a palavra “legal” tem-se 107.749 ocorrências no *Corpus* Brasileiro e 17.424, no ASPA. O mesmo acontece com as palavras: “pessoal”, “volta”, “natal”, “alguma”, “difícil”, “jornal”, “final”, “mil” e “alguém”. Todas apresentam índices altos de frequência nos três corpora, sendo consideradas pertencentes ao 4º quartil.

Em relação aos vocábulos “igual” e “faculdade”, observa-se uma frequência de 32.624 ocorrências no *Corpus* Brasileiro e 15.430, no ASPA, para a palavra “igual” e uma frequência de 19.728 ocorrências no *Corpus* Brasileiro e 16.294, no ASPA, para a palavra “faculdade”. Diante dos índices de frequência constata-se que para a palavra “igual” há altos índices de frequência no *Corpus* Brasileiro e médios índices de frequência no ASPA. Embora os resultados sejam diferentes nos dois corpora, eles demonstram que este vocábulo é bastante frequente na língua, estando situado entre o 4º e o 3º quartil.

O mesmo acontece com a palavra “faculdade”, em que se observam altos índices de frequência para o *Corpus* Brasileiro e médios índices de frequência no ASPA. Esses resultados, embora diferentes, demonstram, também, que o vocábulo

é bastante frequente na língua, estando situado entre o 4º e o 3º quartil. O fato de os itens mais frequentes na amostra em estudo situarem-se entre o 3º e o 4º quartil, sugere efeitos de frequência sobre a vocalização.

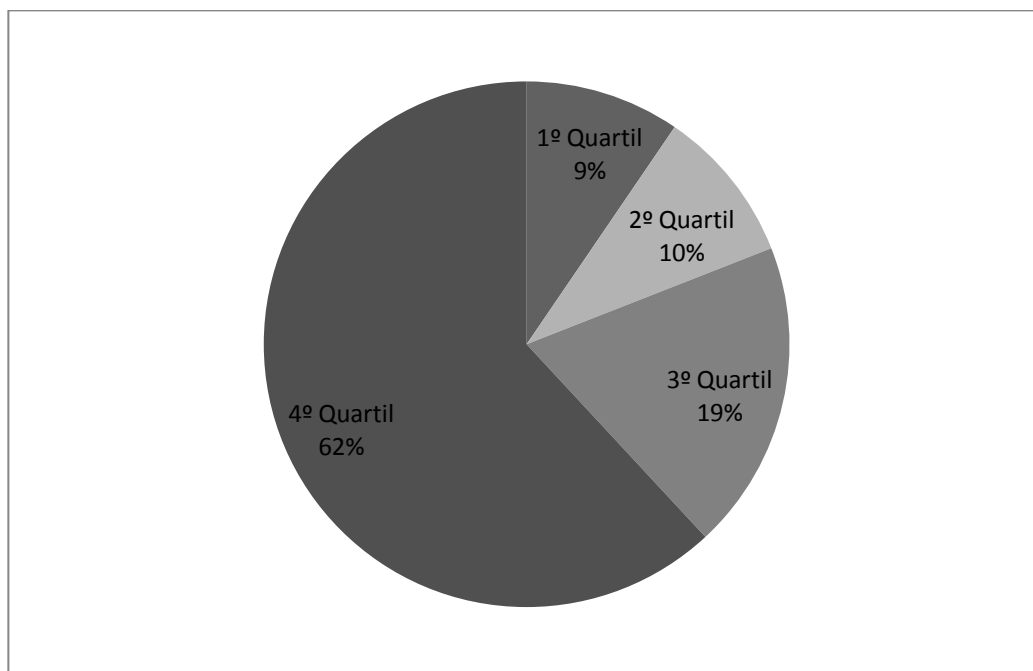
Ao observarmos os vocábulos “futebol”, “geralmente”, “almoço” e “cultura” pertencentes ao 3º quartil, de acordo com o Quadro 8, identificamos para as palavras “geralmente” e “almoço” aproximações nos valores de frequência nos três corpora, ou seja, nos três bancos constataram-se índices médios de frequência. No BDSer, há 23 ocorrências para a palavra “geralmente” e 21, para a palavra “almoço”. No *Corpus Brasileiro*, tem-se uma frequência de 8.938 ocorrências e, no ASPA, 7.686 ocorrências para a palavra “geralmente”. Para a palavra “almoço”, a frequência é de 16.150 ocorrências no *Corpus Brasileiro* e 9.272, no ASPA.

Em relação aos vocábulos “futebol” e “cultura”, observa-se uma frequência de 12.904 ocorrências no *Corpus Brasileiro* e 74.703, no ASPA, para a palavra “futebol” e uma frequência de 6.132 ocorrências no *Corpus Brasileiro* e 48.227, no ASPA, para a palavra “cultura”. Diante dos índices de frequência, constata-se que para as palavras “futebol” e “cultura” há médios índices de frequência no *Corpus Brasileiro* e altos índices de frequência no ASPA. Embora os índices de frequência sejam diferentes nos dois corpora, eles demonstram que esses vocábulos são bastante frequentes na língua, estando situados entre o 4º e o 3º quartil.

Embora tenhamos aproximações nos valores de frequência dos vocábulos, há que se ressaltar, também, as diferenças de ocorrência de alguns vocábulos no *Corpus Brasileiro* e no ASPA em relação ao número de ocorrência no BDSer. Por exemplo, as palavras “Banrisul” e “parreiral” não apresentam nenhuma ocorrência tanto no *Corpus Brasileiro* quanto no ASPA. Já para o BDSer, essas palavras apresentam 6 (seis) e 13 (treze) ocorrências, respectivamente. De certa forma, essas diferenças se explicam pelo fato de o “Banrisul” ser um banco regional e “parreiral” ser um vocábulo comum em Antônio Prado em função de a sua economia ser voltada à produção de vinho e derivados da uva. Esse fato mostra que há diferenças em relação à frequência de ocorrência de um determinado item na língua em geral e em um *corpus* particular.

A fim de visualizarmos a distribuição dos itens de maior frequência produzidos por informantes de Antônio Prado, conforme o quartil a que pertencem, vejamos o Gráfico 3:

Gráfico 3 - Distribuição dos itens de maior frequência por Quartil



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Diante dos percentuais apresentados no Gráfico 4, podemos perceber que há evidências significativas de um número maior de palavras para o 4º quartil, cujos valores percentuais são de 62%, o que demonstra alto nível de frequência. A seguir, o 3º quartil, com 19%, indica um nível médio de frequência. Para o segundo, cuja porcentagem é de 10%, indica um nível baixo de frequência e, por fim, o 1º quartil, com 9%, indica um nível mínimo de frequência.

Após observarmos os itens de maior frequência produzidos pelos informantes de Antônio Prado e, a fim de se verificar a influência que o fator frequência desempenha na aplicação da semivocalização em Antônio Prado, apresentam-se,

no Quadro 9¹⁵, as aplicações de velarização e semivocalização nos vocábulos com maior número de ocorrências na amostra e maiores aplicações de semivocalização. Reiteramos o fato de que, para este estudo, as palavras mais frequentes neste corpus são palavras que apresentam alta frequência na língua, o que pode ser considerado um fator importante na semivocalização.

Quadro 9 - Ocorrências semivocalizadas e velarizadas em vocábulos do BDSer

Vocábulo	Semivocalizada [w]	Velarizada [f]
Legal	37	36
Tal	28	39
Pessoal	10	40
Volta	8	39
Natal	13	22
Alguma	5	30
Difícil	9	23
Jornal	6	23
Carnaval	9	17
Futebol	8	16
Geralmente	6	17
Final	6	16
Faculdade	6	15
Almoço	11	10
Brasil	9	11
Alguém	5	19
Igual	6	12
Mil	0	13
Parreiral	2	11
Banrisul	2	11
Cultura	2	3

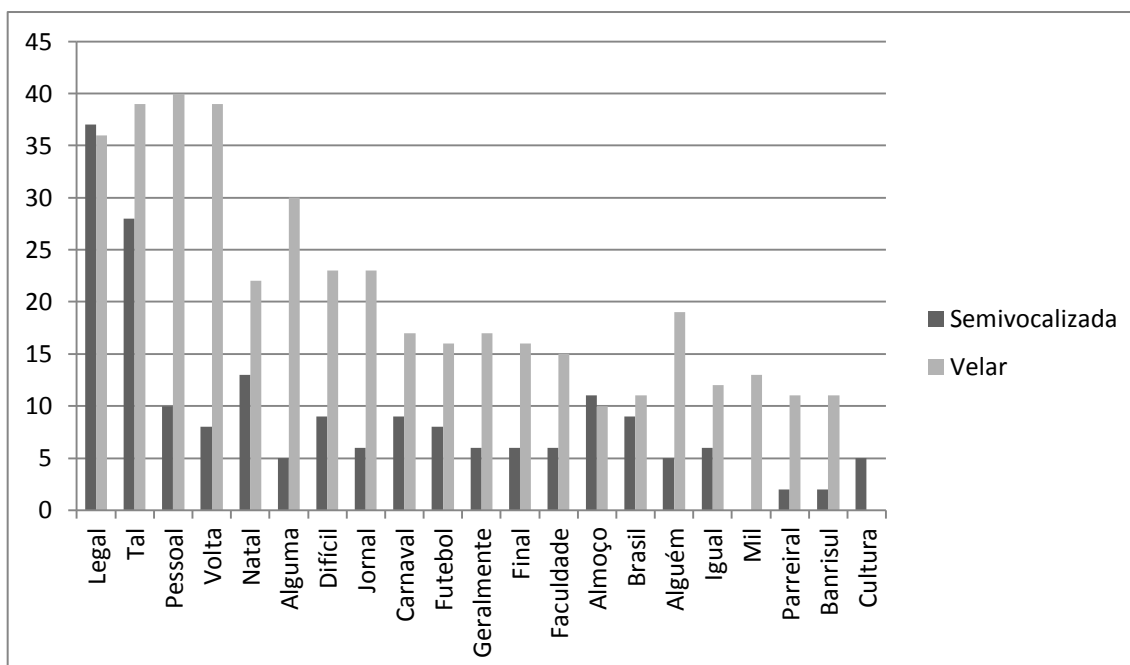
Fonte: elaborado pela autora, 2017.

De acordo com os dados apresentados no Quadro 9, é possível observar que há uma maior ocorrência da forma semivocalizada para as palavras “legal” e “almoço”. Para a palavra “legal” houve 37 aplicações das 73 ocorrências e para a palavra “almoço” 11 aplicações das 21 ocorrências. Em relação às demais palavras, observa-se maior ocorrência da forma velarizada, apesar de a forma semivocalizada também ser frequente, evidenciando a forte presença dessa variante na comunidade

¹⁵ As palavras do Quadro 9 estão organizadas de acordo com os itens de maior frequência produzidos por informantes de Antônio Prado.

em estudo. Visualizemos a distribuição das aplicações de semivocalização nas palavras já mencionadas no Gráfico 4.

Gráfico 4 - Semivocalização em palavras de alta frequência no BDSer



Fonte: elaborado pela autora, 2017.

Outro aspecto a ser observado acerca das aplicações de semivocalização nos vocábulos mais frequentes, se dá em relação às variáveis linguísticas, as quais foram definidas na metodologia deste estudo. (REVER SEÇÃO 3.3)

Ao observarmos as palavras mais frequentes, é possível constatar algumas recorrências a respeito das seguintes variáveis linguísticas: a) Em contexto precedente: a vogal [a]; b) Em contexto seguinte: pausa; c) Posição da variável na palavra: final da palavra e d) Tonicidade da sílaba que contém a lateral: em sílaba tônica. Vejamos, no Quadro 10, as ocorrências das variáveis linguísticas mais expressivas à aplicação de semivocalização, de acordo com os itens mais frequentes produzidos por informantes de Antônio Prado.

Quadro 10 - Ocorrências das variáveis linguísticas

Contexto precedente		Contexto seguinte	Posição da variável na palavra		Tonicidade da sílaba que contém a lateral	
Vogal baixa /a/	13	pausa	Interior da palavra	07	Em sílaba tônica	14
Vogal média baixa posterior /ɔ/	02				Em sílaba pré-tônica	06
Vogal alta anterior /i/	03		Final da palavra	14	Em sílaba átona final	01
Vogal alta posterior /u/	03					

Fonte: elaborado pela autora, 2017.

Os resultados apresentados no Quadro 10 permitiram a constatação das variáveis linguísticas que possam vir a ter influência no processo de semivocalização, haja vista que, essas variáveis apresentam recorrências bastante significativas.

Considerando a frequência como fator significativo no processo de mudança linguística, constata-se que os itens mais frequentes na língua são os que primeiramente sofrem o processo de variação. Com isso, podemos dizer que é através do uso que estruturas passam a ser fortalecidas, refletindo a experiência linguística do falante/usuário da língua.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo verificar o fenômeno da semivocalização do segmento lateral em posição de coda na comunidade linguística de Antônio Prado, com base na análise de vinte entrevistas tomadas de oitiva e disponíveis no BDSer . Frente ao pretendido, buscou-se observar junto à Teoria Variacionista Laboviana e outros estudos (Tasca,1999; Quednau,1993; Espiga, 2001; Hora, 2003 e Battisti, 2016) quais as variáveis linguísticas e sociais que contribuem para com o fenômeno da semivocalização. Para fins de comprovação dessas variáveis, mobilizaram-se noções oriundas da Sociolinguística Laboviana e buscou-se a generalização de resultados devido a irregularidade de distribuição dos dados sob o estabelecimento de critérios e uso de tratamento estatístico com o auxílio da ferramenta Rbrul e da função Quartil do programa Excel.

A pesquisa foi desenvolvida de acordo com as seguintes etapas: primeiramente, houve a realização de procedimentos de oitiva, transcrição e codificação dos dados, que totalizaram, ao final, 1247 dados, dos quais 392 foram caracterizados como realizações semivocalizadas, correspondendo a um percentual de 31%. Em seguida, as ocorrências foram processadas estatisticamente pela interface Rbrul, a fim de identificar quais variáveis seriam selecionadas pelo programa como significativas ao processo. Feita a seleção, foram selecionadas as variáveis faixa etária, local de moradia, contexto fonológico precedente, escolaridade, gênero e tonicidade, respectivamente. Após a análise de cada uma das variáveis selecionadas pelo programa, julgou-se necessária a análise e interpretação de outros dois fatores não selecionados, sendo eles o indivíduo e a frequência. Esses fatores complementaram o estudo, contribuindo com resultados significativos, somados aos obtidos em função das demais variáveis.

Os resultados obtidos em relação às variáveis sociais demonstraram um maior indício à semivocalização pelos falantes mais jovens com idades entre 15 e 30 anos e das faixas intermediárias com idades entre 31 e 50 anos. Para os jovens de 15 a 30 anos, foram constatados 215 ocorrências, dos 399 contextos, totalizando

54% de aplicação. Para os falantes com idades entre 31 e 50 anos, os resultados apontaram para 87 ocorrências dos 110 contextos, resultando em 79 % de aplicação de semivocalização.

Em relação à variável escolaridade, os resultados apontaram uma maior tendência de aplicação de semivocalização pelos indivíduos com maior grau de escolaridade, ou seja, os indivíduos com níveis médio e superior de escolarização. Dos 538 contextos, 355 foram produzidos com a aplicação da regra, totalizando 40%. Para a variável local de moradia, os resultados apontaram para a zona urbana como favorecedora a forma inovadora. Dos 744 contextos de realização, 340 caracterizaram-se pela aplicação da forma semivocalizada, totalizando 46%, e para a variável gênero/sexo, houve a indicação das mulheres como propulsoras. À incorporação da forma inovadora, pois, dos 523 contextos de realização, 176 foram caracterizados como semivocalizados, resultando em 34%.

Para os fatores de ordem linguística, foram selecionados pelo programa o contexto fonológico antecedente e a tonicidade. Para o primeiro, os resultados apontaram um favorecimento de aplicação quando há a presença da vogal alta [u]. Dos 264 contextos de realização, 85 caracterizaram-se pela aplicação da forma semivocalizada, totalizando 32% semivocalização. Para o fator tonicidade, o programa apontou um favorecimento à semivocalização quando o segmento encontra-se em sílaba átona final. Dos 464 contextos de realização, 130 constaram como semivocalizadas, totalizando 28% das realizações.

Diante dos resultados apontados pelo programa e das interpretações realizadas após cada um dos fatores, observou-se que os mesmos vão ao encontro dos trabalhos de cunho Variacionista, como os de Tasca (1999), Quednau (1993) e Battisti (2006), nos quais as variáveis apresentadas também são analisadas e corroboram com os resultados aqui apresentados. No entanto, neste estudo, também buscou-se observar o papel que os fatores indivíduo e frequência desempenham no papel da mudança linguística.

A análise do fator indivíduo se deu devido ao fato de seis indivíduos apresentarem, de forma categórica, a velarização do segmento lateral. De acordo com a interpretação dos aspectos sociais disponíveis, percebeu-se que esses indivíduos constituem a faixa etária dos informantes mais velhos, apresentam níveis

baixos de escolaridade, em sua maioria, são do gênero/sexo feminino e residem na zona urbana. Com base nos resultados e na interpretação desse fator, se infere que não há uma regra única, na qual os indivíduos se encaixam. É possível que membros de uma comunidade linguística não sejam afetados pela mudança que está acontecendo na língua e, muitas vezes, preservar o traço do seu dialeto pode representar uma marca de identidade sócio-histórico-cultural.

Para o fator frequência os resultados apontaram dois aspectos: o primeiro se refere à constatação de que quando há conformidade nos níveis de frequências, ou seja, quando em dois corpora os vocábulos apresentam níveis altos de frequência, há uma tendência de aplicação de semivocalização. De acordo com essa constatação, podemos afirmar que existe uma maior probabilidade de aplicação de semivocalização quando os vocábulos se tornam mais recorrentes na língua e a eles o usuário da língua é exposto.

O segundo aspecto a ser considerado se dá em relação a não conformidade de frequências, pois o mesmo vocábulo ora pode ser considerado frequente em determinada comunidade, em determinado dialeto, ora ele pode não o ser em outro ambiente social e linguístico. Nesse sentido, as palavras que ora são frequentes nos dados de fala dos informantes de Antônio Prado, ora não apresentam a mesma frequência em outros falares, não apresentaram tendência de aplicação de semivocalização, visto que apresentam inconformidades em suas frequências.

De acordo com os resultados obtidos e correlacionando a importância de cada fator apresentado, a presente análise chega a alguns entendimentos: a) na pesquisa sociolinguística, a análise de redes e práticas sociais pode esclarecer o papel das ligações entre as pessoas, da maior ou menor coesão dos grupos, da pressão e das identidades locais na variação e mudança linguística e b) o processo de semivocalização parece ser incipiente na comunidade linguística de Antônio Prado, caracterizando uma mudança em progresso e evidenciando a utilização de formas inovadoras na língua.

Buscou-se, com este estudo, contribuir para que se compreenda aspectos da fala de Antônio Prado, de modo que se possa perceber a influência que variáveis sociais e linguísticas podem vir a ter na mudança linguística dessa comunidade. O estudo permitiu, também, evidenciar o papel desempenhado pelas gerações mais

novas no que se refere ao emprego da forma inovadora, que, nesse estudo, é a forma semivocalizada. Como limitações desse estudo encontra-se a dificuldade de acesso ao acervo do BDSer, pois o número de entrevistas digitalizadas acerca de Antônio Prado foram bastante limitadas, bem como a qualidade audível das entrevistas disponibilizadas. No entanto, acredita-se que os objetivos propostos por esta pesquisa foram alcançados e espera-se que trabalhos futuros possam verificar, por meio de análise, a relação entre a frequência de uso de formas recorrentes com a utilização das formas inovadoras, atentando para a observação dos elementos culturais da comunidade que possam vir a interferir na escolha das formas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTENHOFEN, Cléo V.; KLASSMANN, Mário Silfredo; KOCH, Walter (orgs.) et al. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS; Florianópolis: Ed. da UFSC; Curitiba: Ed. da UFPR, 2002.

ATLAS LINGUÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS). Volume 2: **Cartas Fonéticas e Cartas Morfossintáticas**.

BARBOSA, P.; MADUREIRA, S. **Manual de Fonética Acústica Experimental: aplicações a dados do português**. São Paulo: Cortez, 2015

BATTISTI, Elisa. BDSer: **Um banco de dados de fala da serra gaúcha**. In: Encontro do Celsul. 5, Curitiba: Atlas, 2003.

_____. Redes Sociais Identidade e Variação Linguística, p. 79-98. In.: Raquel MeisterKo. Freitag (Organizadora). **Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística**, São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014.

_____; MORAS, Viviane Tebaldi. **A vocalização da consoante lateral em coda silábica em uma variedade de português brasileiro: análise sociolinguística em tempo real**. Cragoatá, Niterói, nº 40, p. 90-112, 1.sem. 2016.

BISOL Leda. **Português do sul do Brasil** : variação fonológica [recurso eletrônico] / Leda Bisol, Gisela Collischonn (org.) ; colab. Cláudia Brescancini .[et al.]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

_____. (orgs.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

_____; BRESCANCINI, Cláudia (orgs.). **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUC, 2002.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 46.ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

_____. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. Rio de Janeiro. Padrão, 1977b.

_____. **Manual de expressão oral e escrita**. Petrópolis: Vozes, 1977c.

CEDERGREEN, H. & SANKOFF, D. Variable rules: performance as a statistical reflection of competence. **Language**. 1974. 50: p. 333-55.

CHOMSKY, Noam. **Aspects of the Theory of Syntax**. Mass.: MIT Press, 1965

COLLISCHONN, Gisela. Vocalização de L. In.: Leda Bisol & Elisa Battisti (orgs.). **O português falado no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

ESPIGA, J.W.R. **A lateral posvocálica na fronteira dos Campos Neutrais**: estudo sociolinguístico da regra telescópica nos dialetos de Chuí e Santa Vitória do Palmar. Letras de Hoje. v. 37 nº 1. Porto Alegre, 2002.

_____. **Influência do Espanhol na variação da lateral pós-vocálica do português da fronteira**. Pelotas: UCPel, 1997. (Dissertação de mestrado)

_____. **O Português dos Campos Neutrais. Um estudo sociolinguístico da lateral pós-vocálica nos dialetos fronteiriços de Chuí e Santa Vitória do Palmar**. Porto Alegre: PUCRS, 2001. (Tese de doutorado)

FISHER, J. L. Social influences on the choice of a linguistic variant. **Word**, 1958. 14:47-56

FREITAG, Raquel Meister Ko. **Idade uma variável sociolinguística complexa**. Línguas & Letras. v. 6, nº 11. 2º sem. 2005, p. 105- 121

HAUP, Carine. **Contribuições da fonologia de uso e da teoria dos exemplares para o estudo da monotongação**. Ver. Est. Ling., Belo Horizonte, V. 19, Nº 1, p. 167-189, Jan./Jun. 2011.

HORA, Dermeval da; PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro; CARDOSO Walcir. **Status da consoante pós-vocálica no português brasileiro: coda ou onset com núcleo não preenchido foneticamente?**. Porto Alegre, V.45, Nº 1, p.71-79, Jan/Mar. 2010.

LABOV, W. **The social stratification of English in New York city**. Washington: Center of Applied Linguistics, 1966.

_____. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972a.

_____. **Language in the inner city**. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1972b.

_____. The social origins of sound change. In:_____. **Locating languages in time and space**. New York: Academic Press, 1980. p. 251- 265.

_____. Building on Empirical Foundations. In.: LEHMANN, W. & MALKIEL, Y. (eds.). **Perspectives on Historical Linguistics**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1982.

_____. **Principles of linguistic change: internal factors**. Oxford: Blackwell, 1994.

LADEFOGED, Peter; MADDIESON, Ian. **The sounds of the world's languages**. Oxford: Blackwells. 1996.

LOPEZ, B. S. **The sound pattern of Brazilian Portuguese (cariocan dialect)**. 1979. Tese (Doutorado, PhD). University of California, Los Angeles. 1979.

MEDEIROS, Beatriz Raposo. Uma proposta sobre a coda do Português Brasileiro. **Revista da ABRALIN**. Vol. XI, Nº1, Jul. de 2012 (89-138)

MOLLICA, Cecília Maria. **Fundamentação teórica: conceituação e delimitação**. In.: Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação. São Paulo.: Contexto, 2003.

MONTEIRO, José Lemos. **A variação linguística**. In.: Para compreender Labov. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

OLIVEIRA, Marco. **O Léxico como Controlador de Mudanças Sonoras. Estudos Linguísticos**. Belo Horizonte, Ano 7, v.1, p. 75-92, jan./jun. 1995.

PHILLIPS, B. Word frequency and the actuation of sound change. **Language**, v.60, p. 320-342, 1984

_____. Lexical diffusion, lexical frequency, and lexical analysis. In: BYBEE E, J. & HOPPER, P.(eds.) **Frequency and the emergence of linguistic structure**. John Benjamins Publishing Co., p. 132- 145, 2001

PINHO, A. J. de; MARGOTTI, F. W. **A variação da lateral pós-vocálica // no português do Brasil**. Working papers in linguistics, n.2, p.67-88, 2010.

QUEDNAU, Laura. **A lateral pós-vocálica no português gaúcho: Análise variacionista e representação não-linear**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 1993.

RECASENS, Daniel, FARNETANI, Edda. **Articulatory and acoustic properties of different allophones of // in American English, Catalan and Italian**, HASKINS LABORATORY: Status Report on Speech Research SR, 1994.

SAUSSURE, F. **Cours de linguistique générale**. Paris: Payot, 1972.

SELKIRK, Elisabeth. The syllable. In: HULST, Harry; SMITH, Van Der. **The structure of phonological representations (part. II)**. Foris, Dordrecht, p. 337-383, 1982.

SILVA, G. M. de O. O emprego do artigo diante de possessivos e patronímicos: resultados sociais. In: SILVA, G. M. de O.; SCHERRE, M.M.P. **Padrões sociolinguísticos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

SPROAT, R.; FUJIMURA. The Allophonic variation in English /l/ and its implications for phonetic implementation. In: **Journal of Phonetics**, n. 21, p. 291-311, 1993.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 2ª ed. São Paulo: Ática. 96 p. 1986.

TASCA, Maria. **A lateral em coda silábica no sul do Brasil**. Nº f. 161. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras, em Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul . Porto Alegre, RS, 1999.

_____. **Variação e mudança do segmento lateral na coda silábica**. In.: Leda Bisol, Cláudia Bescancini (orgs.). **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

VIEIRA, M.J.B. As vogais médias postônicas: Uma análise variacionista. In: BISOL, L., BRESANCINI, C. R. (Orgs). **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. 1ª ed. Porto Alegre: EDIPUC, p. 127- 159, 2002.

VOTRE, S. Relevância da variável escolaridade. In: **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**, São Paulo: Contexto, 2003, p. 51-57.

WEINRECH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M.I. **Empirical foundations for a theory of language change**. In: LEHMANN W.; MALKIEL Y. **Directions for historical linguistics**. Austin; University of Texas, 1968.

ZHOU, Xinhui. **An MRI articulatory-based and acoustic study of American English liquid sounds /r/ and /l/**. Doctoral dissertation Faculty of the Graduate School of the University of Maryland, College Park, 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Códigos das variáveis controladas

1-	VARIÁVEIS DEPENDENTES
	<p>0- Velar 1- Semivogal</p>
2-	CONTEXTO PRECEDENTE
	<p>a- vogal a e- vogal eE- vogal é o- vogal o O- vogal ó i -vogal i u- vogal u</p>
3-	CONTEXTO SEGUINTE
	<p>p- oclusiva bilabial t- anterior k- velar (posterior) f- fricativa labial s- anterior x- fricativa palatal n- nasal –n r- vibrante anterior R- vibrante posterior l- lateral U- vogal u y- outras vogais b- pausa</p>
4-	POSIÇÃO NA PALAVRA
	<p>m- meio da palavra c- final da palavra</p>
5-	TONICIDADE
	<p>T- tônica P- pretônica A- átona final</p>
6-	ESCOLARIDADE
	<p>5- até cinco anos 6- mais de cinco anos</p>
7-	FAIXA ETÁRIA
	<p>2- 15-30 anos 3- 31-50 anos 4- 51-70 anos 7- 71 ou mais</p>
8	LOCAL DE MORADIA

	d- rural v- urbano
9-	SEXO/GÊNERO
	h- homem w- mulher
10-	FREQUENCIA
	z- 1º quartil S- 2º quartil &- 3º quartil Q- 4º quartil
11-	INDIVÍDUO
	B- 138 C- 139 D- 140 F- 142 G- 145 H- 146 I- 149 J- 152 L- 153 M- 155 N- 157 V- 159 X- 160 Y- 162 W- 163 Z- 164 ?- 165 #- 166 @- 168 \$- 169

APÊNDICE B - Levantamento de frequências

	Berber Sardinha	ASPA	BDSer	Aplicação de semivocalização na amostra
ALGO	382.846	30.004	2	0
VOLTAR	332.231	26.906	1	0
TALVEZ	305.785	34.927	5	0
ALGUEM	296.687	25.002	19	5
ALGUMA	295.180	31.816	35	6
QUAL	249.684	85.718	20	3
ALGUM	248.388	32.355	21	1
DESCULPAR	187.519	313	1	0
QUALQUER	176.335	87.041	20	4
VOLTA	150.432	76.098	47	9
REALMENTE	123.833	15.338	6	0
LEGAL	107.749	17.424	73	37
MAL	103.722	34.999	13	3
ALGUNS	102.757	95.089	20	3
PESSOAL	90.838	31.571	50	13
ALGUMAS	89.851	53.711	14	3
DIFICIL	74.932	39.538	32	8
ÚLTIMA	71.235	62.889	5	0
TAL	70.907	28.152	67	28
DESCULPA	68.420	2.410	2	1
ALTO	60.962	35.246	9	1
FILME	59.955	85.879	15	4
FÁCIL	56.492	23.105	26	8
CALMA	55.820	3.501	4	1
MIL	55.453	204.189	13	1
PROVAVELMENTE	51.322	11.476	2	0
SINAL	50.785	14.667	3	2
CULPA	50.532	11.515	3	0
ESPECIAL	50.358	96.682	8	0
FALTA	50.317	67.937	35	9
FINAL	49.244	138.757	22	6
VOLTE	45.304	2.612	1	0

HOSPITAL	45.082	39.294	9	0
REAL	43.594	79.388	1	0
LOCAL	40.408	241.819	3	1
ÚLTIMO	40.037	69.191	3	0
NORMAL	38.471	16.447	28	11
INCRÍVEL	37.966	2.985	1	0
ANIMAL	34.293	7.787	4	0
SOLTAR	32.693	1.512	1	0
IGUAL	32.624	15.430	18	8
OFICIAL	32.034	37.290	1	0
SOL	31.752	14.862	4	1
VOLTOU	31.706	23.633	3	0
NATAL	31.178	19.687	35	14
HOTEL	31.122	23.771	5	2
ALMA	30.778	8.050	1	0
ENVOLVER	28.422	2.686	1	1
TOTALMENTE	27.399	13.520	5	2
HORRÍVEL	25.393	1.281	2	1
PAPEL	25.313	44.359	4	2
IMPOSSÍVEL	24.641	13.130	1	1
JORNAL	24.002	45.108	29	9
AZUL	23.244	9.905	2	1
SUL	22.714	105.702	4	4
VOLTO	22.704	1.325	1	1
TERRÍVEL	22.677	2.885	1	1
PRINCIPAL	22.518	62.881	1	0
CALMO	21.413	1.412	4	1
BOLSA	20.817	40.517	1	0
ÚLTIMOS	20.673	56.308	4	2
FACULDADE	19.728	16.294	21	6
MALDIÇÃO	19.238	800	1	0
ALTA	17.869	58.732	2	1
ANEL	16.409	1.537	5	2
ALMOÇO	16.150	9.272	21	11
RESPONSÁVEL	15.856	37.150	5	0
PROFISSIONAL	15.766	23.916	2	0
TOTAL	15.633	61.249	1	0
FILMES	15.311	35.333	1	0
ALTURA	14.074	16.446	4	0

NORMALMENTE	14.023	11.693	1	0
DANIEL	13.548	13.117	1	1
AFINAL	13.505	15.441	2	0
ACALMAR	13.424	1.383	1	0
CENTRAL	13.276	72.556	1	1
NATURAL	13.269	15.819	4	0
FEDERAL	13.082	117.373	2	2
FUTEBOL	12.904	74.703	24	9
BOLSO	12.388	5.386	4	0
CANAL	12.219	17.326	3	0
CASAL	12.127	16.702	1	1
GERAL	12.095	70.059	8	2
MATERIAL	11.761	23.159	10	3
PESSOALMENTE	11.492	5.332	1	0
ENVOLVIDO	11.429	4.651	3	1
CIVIL	11.356	42.142	6	1
SOCIAL	11.132	69.295	6	2
VOLTEI	10.847	1.685	1	0
VOLTANDO	10.712	3.661	1	0
ÚTIL	10.415	6.748	1	0
VOLTEM	10.143	973	2	0
SOLTO	9.349	2.339	1	0
INÚTIL	9.279	2.557	1	0
ÚLTIMAS	9.078	15.309	1	0
GERALMENTE	8.938	7.686	23	7
ASSALTO	8.695	9.128	3	0
FOLGA	8.328	3.892	3	3
DESENVOLVER	8.104	7.584	2	0
PALCO	7.801	14.871	1	1
VOLTAMOS	7.495	746	1	0
DIFICULDADE	7.441	13.809	5	1
COMERCIAL	7.266	38.897	1	0
SAUDÁVEL	6.986	3.652	2	1
DISPONÍVEL	6.923	7.914	1	0
NOEL	6.783	4.171	5	0
INTERNACIONAL	6.665	66.921	1	0
COMBUSTÍVEL	6.550	7.688	1	0
NATURALMENTE	6.448	3.814	1	1

ESPAÑHOL	6.416	16.673	4	2
PRINCIPALMENTE	6.284	34.460	10	0
ALMOÇO	6.257	1.117	3	3
CULTURA	6.132	48.227	8	6
MANUAL	6.076	7.323	1	0
ALTERNATIVA	6006	13.569	1	0
CALÇA	5.426	3.035	6	3
ADULTOS	5.361	6.649	1	0
MISERÁVEL	4.970	944	1	0
VOLTARAM	4.927	5.408	2	0
CAPITAL	4.908	65.711	1	0
FALTANDO	4.882	2.484	1	1
EMOCIONAL	4.488	3.507	1	1
CONSULTA	4.328	6.039	1	0
ABRIL -	4.316	42.346	4	0
FESTIVAL	4.035	27.704	5	0
ESTADUAL	3.925	27.404	5	1
SOLTEIRA	3.815	1.005	2	2
RAZOÁVEL	3.750	4.476	1	0
CONFIÁVEL	3.720	1.439	1	1
ULTRAPASSAR	3.607	2.871	1	0
ESPIRITUAL	3.450	2.641	4	2
BRASIL	3.415	362.981	20	8
POSTAL	3.353	2.422	1	0
NELSON	3.344	20.959	2	2
DIFICULDADES	3.268	20.062	1	0
ASSALTAR	3.216	953	1	0
VOLTAM	3.112	5.573	5	3
ENVOLVIDOS	3.072	9.933	1	1
HUMILDE	2.917	1.301	2	1
FRALDA	2.887	252	1	0
TRADICIONAL	2.852	13.662	1	1
BALCÃO	2.650	3.111	2	0
FRÁGIL	2.628	2.492	1	0
ENVOLVE	2.591	7.177	1	0
RESOLVI	2.389	1.887	1	0
CULTO	2.325	3.149	2	1
INDUSTRIAL	2.213	16.651	1	0
REVÓLVER	2.133	3.659	1	0

CORAL	2.102	2.276	1	1
BALSA	2.038	1.008	7	2
FALTAVA	2.013	1.953	4	2
COLCHÃO	1.928	855	1	1
MUNICIPAL	1.903	34.000	5	2
ENVOLVIMENTO	1.881	9.925	1	1
MULTAR	1.846	1.214	2	1
INTEGRAL	1.821	5.680	2	0
MÓVEL	1.615	2.724	3	3
ASSALTANTE	1.605	2.308	4	0
REVOLTA	1.580	4.109	3	0
TROPICAL	1.478	2.777	1	0
FALTOU	1.455	4.048	1	0
MANUALMENTE	1.455	582	2	0
VOLTAVA	1.400	1.367	6	0
IRRESPONSÁVEL	1.350	1.711	1	0
DESENVOLVEU	1.294	2.906	3	0
CULTURAS	1.285	4.167	2	2
IMÓVEL	1.255	10.918	3	2
ASSALTADO	1.171	1.208	1	0
ASSALTOS	1.152	3.692	1	0
AGRICULTOR	1.147	2.549	3	1
ELSA	1.120	113	1	0
IMPULSOS	1.028	920	1	0
ALCANÇA	965	1.984	1	0
DESENVOLVENDO	880	2.042	3	0
IGUALDADE	862	4.087	1	0
GALPAO	849	1.822	1	0
SILVA	817	73.449	2	0
AGRICULTURA	793	14.894	5	0
SOLTEIRAS	793	457	1	1
CARNAVAL	769	17.183	26	9
COLONIAL	762	2.778	2	1
VALSA	737	756	1	0
RURAL	725	10.017	8	0
VOLTINHA	704	59	1	1
TEATRAL	680	4.153	1	1
PALMADA	662	48	1	1

COLESTEROL	636	1.722	2	0
AGRICULTORES	610	5.514	3	0
CALDO	581	1.366	2	0
ASFALTO	568	2.559	7	0
ALCANÇANDO	522	707	1	0
FOLGADO	453	188	1	0
PLURAL	435	980	2	0
DIVULGAÇÃO	420	11.431	5	2
NIVEL	413	31.943	5	0
OCULTAS	393	300	2	1
AMALDIÇOOU	389	21	1	0
ASSALTARAM	377	381	1	0
DIVULGADO	336	11.952	1	1
LAMENTAVELMENTE	333	797	1	0
BALCONISTA	329	711	1	1
FALTEI	291	54	1	0
RODOLFO	277	2.826	1	0
VOLTAVAM	268	509	1	0
ADULTAS	264	369	1	0
SOLTEIRÃO	246	122	1	1
CALÇAR	240	151	1	0
PALMAR	240	57	1	0
ALMOÇA	225	456	1	1
ASSALTADOS	221	326	2	0
CALÇADAS	214	1.267	1	0
ENVOLVO	201	49	1	1
SALSICHÃO	189	32	1	0
BALDIO	159	282	1	0
GRINALDA	159	93	1	0
ASSALTA	145	288	1	0
ULTIMAMENTE	129	1.291	6	1
CULTUAR	128	115	1	1
ACALMANDO	127	77	1	0
SALVAVA	119	33	1	0
ALVES	107	23.854	1	0
ENXOVAL	107	134	1	0
ANSELMO	99	815	1	0
DIVULGANDO	98	756	1	1

FALTARIA	98	210	1	0
DIVULGADOS	93	7.164	1	0
GILDA	89	667	1	0
DISSOLVENDO	81	130	1	0
PAIOL	75	230	3	0
MERCANTIL	71	1.783	1	1
CONSULTORIOS	63	560	2	0
ALVENARIA	62	621	1	0
DIVULGA	61	3.671	1	1
ESCULPIDOS	58	104	1	0
ALPISTE	57	54	1	1
FOLGUINHA	44	10	2	2
ALMOÇAVA	42	115	2	1
TUMULTUADA	42	471	1	1
COMPULSÓRIA	39	785	1	0
CABRAL	28	7.368	3	2
GONÇALVES	26	9.880	1	1
CULTUADO	22	273	1	1
LEONEL	22	3.708	3	1
MATERIALMENTE	22	145	1	1
CULTUAM	19	98	1	1
ALCEU	18	1.129	2	0
DIFICILMENTE	14	5.356	3	1
ANELZINHO	13	0	3	0
CALÇAMENTO	12	228	5	1
ASFALTADAS	6	121	3	0
CULTUAVA	6	24	1	0
CULTUO	6	0	1	1
ARRABALDES	2	47	1	0
FOLDERES	2	0	1	0
VILSON	2	17	1	1
BALCÃOZINHO	1	0	1	0
FRUTICULTURA	1	179	1	0
ASFALTA	0	0	1	0
BANRISUL	0	0	6	2
FRANGOSUL	0	0	1	0
PARRERAL	0	0	13	2
TERRITORIAL	0	1.875	1	0

ANEXO A - Cai o número de estrangeiros que vivem no Brasil

Com base na informação sobre o lugar de nascimento dos recenseados, os dados da amostra do Censo 2000 revelam que havia 510.068 estrangeiros vivendo no Brasil em 2000. O número vem caindo continuamente a cada censo, já que os fluxos mais intensos de migração do exterior para o Brasil ocorreram até a década de 1950.

Em 1970, foram recenseados 1.082.745 estrangeiros no País. Em 1980, o número caiu para 912.848 e em 1991, para 606.636.

Portugueses, japoneses, italianos e espanhóis mantêm-se como os maiores contingentes de estrangeiros no Brasil. Porém, o tamanho desses grupos vem se reduzindo continuamente, tanto em números absolutos, quanto em participação percentual.

Estrangeiros e percentual no total de estrangeiros, por ano censitário, segundo os países de nascimento								
	1970		1980		1991		2000	
	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%
Portugal	410.216	37,89	348.815	38,21	224.849	37,06	175.794	34,46
Japão	142.685	13,18	115.118	12,61	67.024	11,05	52.496	10,29
Itália	<u>128.726</u>	<u>11,89</u>	<u>87.076</u>	<u>9,54</u>	<u>53.543</u>	<u>8,83</u>	<u>43.718</u>	<u>8,57</u>
Espanha	115.893	10,70	81.290	8,91	47.047	7,76	35.809	7,02

Os únicos grupos a obter crescimento contínuo desde 1970 foram os de migrantes vindos da Bolívia, do Peru, da Colômbia e da Guiana Inglesa, embora suas participações no total de estrangeiros ainda sejam pequenas.

Texto adaptado, disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/20122002censo.shtm>